

REFRIGÉRIO

ANO 30 NÚMERO 162 JUL/SET 2016 ISSN 2182-617X



PROFISSÃO COM MISSÃO



S. TOMÉ E PRÍNCIPE

“...Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã”. Sl 30:5

Prezados irmãos,

Damos graças ao nosso Deus, pois passamos por uma fase difícil, por causa da saúde do nosso filho Rafael, mas a misericórdia e a graça do nosso Deus jamais nos desamparou, e vimos a promessa do verso acima se cumprir nas nossas vidas; somos gratos também pela vida dos irmãos que se dedicaram em oração e de outras formas, para nos ajudarem. O nosso pequeno Rafael já está bem melhor e a tosse diminuiu bastante. Pedimos que os irmãos continuem em oração para que a saúde do Rafael seja completamente restaurada. Neste mês de abril Deus nos deu a graça de celebrar o primeiro aninho do Rafael com uma festinha e também um culto de ações de graças ao nosso Deus pela sua vida. Como família estamos bem. Annelize fez um exame à tiroide, mas não há especialista em endocrinologia. Pedimos que os irmãos orem também por ela, que seja bem medicada.

Quanto ao ministério, estamos realizando ensino sobre princípio de igreja em Água Arroz, com o objetivo de estruturarmos a igreja na área de governo, com Presbíteros e Diáconos, e também levar os membros a conhecerem as suas responsabilidades no corpo de Cristo, na igreja local. No trabalho com as crianças estamos desenvolvendo o projeto “Deçú sá Bua” ligado ao programa PEPE (Programa de Educação pré-Escolar). Graças a Deus tem havido bom progresso, já temos visto muitas transformações que Deus tem feito na vida dessas crianças.

Quanto ao Instituto Bíblico, estamos no segundo semestre do curso e o progresso dos estudantes tem sido satisfatório. Sou professor de duas matérias (Teologia sistemática e Panorama do Novo Testamento). Este projeto do Instituto Bíblico tem sido uma grande bênção para a formação dos nossos líderes locais, e pedimos orações pela capacitação e sabedoria do Senhor para os professores, pelo casal missionário Alemão Joachim e Kerstin Schulze, que tem trabalhado arduamente neste projeto da Escola Bíblica. A nível nacional, eu e o irmão Sanu, junto com outros irmãos nacionais, temos trabalhado com o fim de estruturar as nossas igrejas, tendo o alvo de firmar a unidade das igrejas de forma a termos e a realizarmos juntos os mesmo objetivos. Nesse momento, em comum acordo com todas as Igrejas, vamos trabalhar para terminar a construção da Casa de Oração da Igreja em Ribeira Afonso. Pedimos que os irmãos orem e ajudem financeiramente, se o Senhor assim vos conduzir. A construção da nossa moradia ainda não começou pois surgiu a possibilidade de negociarmos um outro terreno perto da cidade. Orem a fim de que o Senhor nos ajude nessa negociação. Louvamos a Deus pela graça de O servir e agradecemos por termos os irmãos nos apoiando e orando por nós. Deus vos abençoe e vos dê sempre o suprimento das vossas necessidades. Agradecemos pelas ofertas e orações. A graça do nosso Deus esteja com todos vós. Amém

No amor de Cristo

Grioprix, Annelize, Miguel e Rafael

MOÇAMBIQUE

Estimados Irmãos,

Acabo de sair de Bissau, no final de mais uma formação para 49 líderes de 21 igrejas provenientes de 7 regiões do país. Espero que esta seja a primeira de várias gerações de líderes a pensarem estrategicamente em como mudar a realidade na Guiné Bissau através do trabalho continuado com crianças e jovens, proclamando o evangelho, fazendo discípulos, e obedecendo à Bíblia. Ainda este ano, este grupo de líderes espalhar-se-á pelo país com o objetivo de reproduzir esta formação a mais de 240 líderes provenientes de 80 comunidades em toda a nação. Ore por motivação e determinação para levar os planos avante! Estou grato a Deus, mais uma vez, por ter tido a oportunidade de servir esta região lusófona, e grato a si, por me acompanhar como sempre nesta jornada!

As notícias de Maputo também nos deixam um pouco mais tranquilos, pois as anunciadas manifestações não se realizaram dada a forte presença do exército nas ruas da cidade. Notícia de última hora: o elevador da nossa casa voltou a trabalhar após um ano parado! O 14º andar onde vivemos está agora mais perto de tudo! ♪

Agradecemos muito as suas orações:

- Pelos líderes que encontramos na Guiné Bissau e a sua vontade de servir a Grande Comissão;
- Pela proteção constante nas viagens;
- Pela provisão diária de Deus na nossa família;
- Pela Raquel na sua última semana de aulas do 1º ano de universidade;

Veja as fotos da Guiné em [HYPERLINK "http://www.cronicasmozambique.blogspot.com"](http://www.cronicasmozambique.blogspot.com)

Família Pratas (os vossos missionários em Moçambique)

FICHA TÉCNICA REFRIGÉRIO

ANO3 NÚMERO162 ABR/JUN2016 ISSN2182-617X

Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade



Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal
CIIP
Internet: www.ciip.net
E-mail: geral@ciip.net

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-299 Mem Martins

E-mail: geral@refrigerio.net

Redação Luis Pereira

Design Gráfico e Paginação Osvaldo Castanheira

Refrigério Impresso e Refrigério Online

Capa deste número João Reis Silva

Revisão e edição de Textos Cristina Calaim

Revisão e Edição de Notícias Helena Sequeira

Versão digital <http://www.refrigerio.net>

Impressão SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X (impresso) / 2182-6188 (em linha)

Tiragem: 2200 exemplares

Preço de cada exemplar: 1,90 €

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP (**os cheques devem ser passados à ordem de CIIP**)

- NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”.

© **Copyrights** Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. de Comunicações António Calaim

ATENÇÃO NOVO ENDEREÇO para correspondência

Jornal REFRIGÉRIO Rua das Eiras, 22
2725-299 Mem Martins

ATENÇÃO

NOTÍCIAS devem ser enviadas

para **Helena Sequeira**

mhelenasequeira@gmail.com

TEXTOS devem ser enviados

para **Cristina Calaim**

pcalaim@gmail.com

FOTOS devem ser enviadas já selecionadas

para **Osvaldo Castanheira**

osvaldesign@gmail.com

Cada Nº do REFRIGÉRIO tem um custo.

Esta edição teve uma tiragem de 2200 ex. e 24 págs.

Apoie este ministério com a sua oferta.

Consulte a ficha técnica e veja como o pode fazer.

O texto que faltava



Este número do Refrigério está cheio de conselhos, dicas e achegas sobre como ser um missionário eficaz. Pequenos ou grandes estudos bíblicos sobre missões também não faltam. Tanta gente com ideias e exemplos bíblicos de como fazer mais e melhor no campo de missões, lá no prédio, no emprego ou entre os judeus. À medida que ia paginando os artigos, estava sempre na esperança de encontrar um testemunho de ação, daqueles que para mim valem mais que algumas pregações ou estudos bíblicos. Os exemplos das práticas são escassos. Pouca gente está disposta a escrever, gosta de escrever ou acha que escrever é importante. Felizmente encontrei este belíssimo texto que até faz uma espécie de ligação entre o tema do número anterior e o deste número. O ensino secular está cada vez mais ligado às práticas. Em vez de analisar um texto se possível convidamos o escritor para vir falar sobre a sua obra. Em vez de falar sobre uma pintura sempre que possível convidamos um artista para vir falar sobre como chegou a tal e tal resultado. Precisamos de exemplos reais para não ser só teoria. (OC)

VAMOS "OUVIR" MARIA DO CARMO HEMBOROUGH - UMA MISSIONÁRIA EM MOÇAMBIQUE

TIVE O PRIVILÉGIO de crescer numa igreja fundada por missionários. A minha pequenina igreja era visitada por missionários, na maioria mulheres, no seu caminho para África - o seu campo missionário. Fui crescendo, criando a bonita imagem das missionárias a trabalharem nos hospitais ou sentadas debaixo de uma árvore a contarem histórias bíblicas para as crianças africanas. Talvez nalguns casos o uso do flanelógrafo fosse uma possibilidade. Como parecia atraente a vida de missionária! Com o passar do tempo, lendo biografias de missionários ou participando em conferências, comecei a perceber que ser missionária era muito mais do que trabalhar em hospitais ou simplesmente contar histórias às criancinhas africanas!

No meu caso pessoal, o vir a ser missionária envolveu o despertar para a realidade de que 'o campo está pronto, mas são poucos os trabalhadores'; foi o facto de que o Senhor estava a chamar pessoas de outros países, que precisavam de aprender a minha língua, para irem para esse campo. Daí nasceu o grande desejo de ser um desses trabalhadores na seara do Senhor nos países de língua portuguesa. Esta foi a minha chamada, dez anos antes de ir para o campo missionário em Moçambique. Esse foi o meu tempo de preparação - tive a oportunidade de ir a diversas conferências missionárias; estudei três anos no Instituto Bíblico Português; trabalhei dois anos como obreira na minha igreja local; conheci e casei com o Chris Hemborough; aprendi inglês; fiz a minha primeira viagem a Moçambique; fui mãe - e assim se passaram dez anos. Na minha primeira viagem, conhecer Moçambique e aquele povo maravilhoso deixou marcas profundas no meu coração. Por todo o lado se podia ver os efeitos de uma guerra devastadora. Porém, a generosidade, a alegria e o carinho que as pessoas conseguiam transmitir tiveram um grande impacto na minha vida. Nós levámos a Palavra de Deus, compartilhámos a nossa fé e a esperança que temos no Deus vivo e verdadeiro. Porém aprendi grandes lições de gratidão por parte daqueles que o pouco que tinham era mais do que suficiente: lições de quem sabe perdoar aos seus inimigos; lições sobre o dar com alegria. Também tive o privilégio de conhecer missionários que estavam a desenvolver um programa de evangelização e ensino da Bíblia com apenas alguns folhetos. Ficámos conscientes de que uma das maiores necessidades das igrejas e das missões em Moçambique tinha a ver com a falta de Bíblias e ensino. Quando voltámos, iniciámos um ministério que ainda mantemos - literatura. Entrámos em contacto com alguns irmãos em Portugal e começámos a juntar literatura. Fizemos uma grande 'limpeza' na União Bíblica no Carrascal, na Espada do Senhor e na Capu. Também levantámos fundos para comprar Bíblias. Tudo era transportado para Inglaterra, colocado em contentores e enviado para Moçambique. Partir para África com um filho de um ano e meio e grávida de seis meses não era o perfil 'desejável' para algumas pessoas que desejavam o melhor para nós. Mas o mais importante sempre foi a convicção de que o Senhor nos tinha chamado para Moçambique e aquela era a altura certa! Durante este primeiro período de três anos no campo missionário, a nossa filha e o nosso filho mais novo nasceram em Moçambique. Com três crianças pequenas e um marido a viajar constantemente, de maneira nenhuma diminuiu o meu desejo de servir o povo para o qual o Senhor me tinha chamado. Atendendo às necessidades das igrejas, ensinei as mulheres e falei em conferências. Mas um dia fui confrontada com um grande desafio que mudou completamente a minha missão. O irmão Domingos veio falar comigo acerca da necessidade de se criar um programa de ensino para a Escola Dominical. Na altura, as crianças e jovens apenas aprendiam canções que ensaiavam para apresentarem no culto de domingo. O Domingos queria fazer mais - além de material para os alunos, apercebeu-se da necessidade de treinar os professores. Trabalhámos juntos num programa que ainda se mantém: manuais para os professores e livros de atividades para as crianças. O irmão Domingos já está na glória, como um servo bom e fiel, a desfrutar o gozo do Senhor a quem ele serviu com amor e dedicação. Mas deixou um grande legado - centenas de escolas dominicais com professores treinados e milhares de crianças e jovens a aprenderem a Palavra de Deus. E eu descobri a 'minha vocação' - preparar material de ensino bíblico, adaptado às necessidades dos diversos grupos. Uma outra área em que me envolvi foi traduzir para outros colegas missionários que estavam a desenvolver os seus próprios programas, além de interpretar para pregadores em conferências. E isto ainda continuo a fazer. Durante os meus anos no campo missionário, reconheci a importância de me identificar com o povo para o qual o Senhor me tinha chamado. Ultrapassar barreiras culturais nem sempre é fácil; deixarmos de lado os nossos preconceitos e ideias pré

... ide e fazei discípulos ...



EVANGELISMO: UM MANDAMENTO, UMA NECESSIDADE, UMA PRIORIDADE

por
Palmeiro Barros

UM MANDAMENTO “Ide e fazei discípulos” – disse Jesus; “Erguei os olhos e vede os campos, pois já estão brancos para a ceifa”-João 4:35. O apóstolo Paulo exorta Timóteo: “Faz a obra de um evangelista”-2 Timóteo 4:5

UMA NECESSIDADE

ESTAMOS RODEADOS de pessoas que precisam do Evangelho que salva e transforma. Uns, que o desconhecem; outros, que já fizeram várias tentativas de mudança, abraçaram causas, enveredaram, uns pela ciência, outros, pela política; outros, tornaram-se fiéis duma religião, mas continuam sem Deus, sem salvação, sem rumo...

Não poucas vezes dou comigo perante casos que eu considero perdidos, e digo: “Não há nada a fazer!” Invariavelmente, ouço aquela voz “mansa e delicada” a segredar-me: “Tu podes fazer. Podes pregar o evangelho, que é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. Ele é... agora... mas poderá

ser... Tu és Cefas, mas serás Pedro... Tu és Saulo, mas serás Paulo.”

Um dia eu estava a fazer urgência num hospital aqui próximo e senti o desejo de evangelizar um colega. Esperei que o consultório dele ficasse livre. Entrei e disse-lhe: “Quero dizer-te como podes ir para o céu.” Expliquei-lhe o evangelho da graça de Deus. Passados uns tempos, ele estava gravemente doente, mas ainda com discernimento para ouvir pregações minhas, que lhe disponibilizei em áudio. Algum tempo depois, fui ao funeral dele. Enquanto uns falavam duma coisa e outros doutra, na multidão, eu fiquei lá num canto e falava com o Senhor acerca da esperança de um dia encontrar este colega no céu.

UMA PRIORIDADE

O QUE ESTÁ EM CAUSA é demasiadamente precioso e valioso para ser subestimado.

Ganhar a alma ou perder a alma: ganhar uma eternidade com Deus (céu) ou passar uma eternidade sem Deus (inferno).

A maior parte do povo de Deus está de acordo que evangelizar é um mandamento, uma necessidade e uma prioridade, contudo, há o reconhecimento assumido de que evangelizamos pouco. Mesmo havendo uma recompensa imediata quando evangelizamos (a alegria dada pelo Senhor), e uma recompensa mais tarde, quando na eternidade nos apresentarmos ao Senhor, dizendo: “Eis-me aqui, a mim e aos filhos que Tu me deste.” Podemos adicionar a isto o apelo dos pregadores e a exortação dos líderes das igrejas para que os crentes evangelizem. Apesar de tudo isso ser verdade, a pouca evangelização é o tendão de Aquiles, o ponto fraco de mui-

... estamos rodeados de pessoas que precisam do Evangelho ...



tos. Se há disciplinas espirituais em que precisamos de melhorar, a evangelização vem no topo da lista.

O QUE FAZER?

O diagnóstico: 3 causas possíveis para a desmotivação do evangelismo

A IGREJA LOCAL

NÃO É MINHA INTENÇÃO apontar o dedo em riste para a igreja, criticar de forma azeda, acusar, menosprezar... “Eu, pela graça de Deus, sou o que sou”, e muita dessa graça foi-me ministrada na igreja local. Eu amo a igreja. Devemos amar aquilo que Jesus ama. E lemos: “Cristo amou a igreja”. A igreja continua a ser o maior e o mais nobre projeto de Deus! Tem sobrevivido e crescido, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela! Então, em que sentido é que a igreja local pode desmotivar a evangelização? Muitos crentes pensam assim: “A igreja onde me reúno, para mim serve, mas sentir-me-ia constrangido se o meu amigo, o que trabalha comigo, fosse à minha igreja. O louvor é pobre, não há ensaios; o pregador, ainda no domingo passado, chegou tarde... e não estava devidamente preparado...” O Pregador em Eclesiastes 10:10 diz: “Se o ferro do machado está embotado, e se não se lhe afia o corte, é preciso redobrar a força; mas a sabedoria resolve com bom êxito.”

Alguns há que, pura e simplesmente, não têm dom para pregar, mas pregam... Agora falo para os líderes: nem todos os homens têm de ser pregadores! Mas são homens fiéis? Sim, são. Têm compromisso na obra? Têm. São amados? Sem dúvida. Mas não são pregadores. Estão a fazer o que não fazem bem, e a deixar de fazer aquilo que fariam com excelência, pois para isso têm talentos e dons. Isto de dizer: “o que importa é a nossa intenção” e “o Senhor compreende”, não resolve o problema daquele que quer levar o amigo à igreja.

Há igrejas que têm as mesmas reuniões nos mesmos horários há 30, 40 ou 50 anos. Algumas, devido à discrepância com a disponibilidade dos crentes, há muito que já “morreram”. Por que insistir? Não seria mais sábio substituir esse ministério por outro, num outro horário, com outros moldes? Isto não deve ser entendido como um fracasso. É apenas uma experiência que resultou durante algum tempo, mas que agora está esgotada.

Não deixa de ser importante o ar que se respira numa igreja local. O “bom cheiro de Cristo” advém do facto de a igreja ser acolhedora, proporcionar amizades entre os que se reúnem e, acima de tudo, da presença do Espírito Santo e aí há liberdade!

O TEMA DAS MENSAGENS

PRECISAMOS DE MENSAGENS bíblicamente consistentes, preparadas com afinco, demorem o tempo que demorem, que alimentem a alma daqueles que nos ouvem, que levem algo para casa. Sem menosprezar a correção, exortação e admoestação, devemos ter uma mensagem positiva. Afinal, o evangelho é uma boa notícia, uma boa nova! Ainda é atual o que o Senhor disse, por meio do profeta Isaías 40:1: “Consolai, consolai o meu povo.” A vida é difícil. Durante a semana, os crentes também lidam com dificuldades, desapontamentos, fracassos... Que, pelo menos na igreja local, encontrem bálsamo e unguento para as suas feridas! Não vamos tornar ainda mais pesado o fardo que tantos carregam! Oh, que o nosso povo, ao pensar na ida à igreja, possa dizer: “Que alegria quando me disseram: vamos à casa do Senhor!”

OS MITOS

Deus não olha ao número. Desculpem, tenho uma opinião diferente. Se o Senhor não olhasse ao número, não teria recompensado aquele que de cinco talentos fez dez, aquele que negociou e de dois fez quatro; e não teria reprovado, severamente, aquele que, tendo um, continuou com o mesmo número (Mateus 25:14-30). Ainda hoje o Senhor conta as ovelhas, por isso sabe quando falta uma. Os números contam, por isso a

... “Eis-me aqui, a mim e aos filhos que Tu me deste.”...



grande pescaria consistiu em terem apanhado 153 grandes peixes (João 21:11). O fruto que damos é importante. Sem querer entrar no campo dispensacional, o Senhor disse ao povo de Israel: “O Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos”. (Mateus 21:43). Procurou fruto na figueira durante três anos; como não o encontrou, ela foi cortada.

O que conta é a qualidade (muitas vezes é usado para a desculpa da falta de crescimento, e dizem: “é melhor poucos e bons”). A qualidade, necessariamente, gera quantidade! Uma igreja que não cresce está doente ou carece de estratégia. Os nossos filhos, para crescerem, precisam de uma boa alimentação, carinho, cuidados, e é vê-los a crescer. Assim é a igreja.

O TRATAMENTO

- Primar pela qualidade da pregação/estudo da Palavra, como já referi anteriormente;
- Implementar o ambiente espiritual de paz, amizade e comunhão entre os crentes; “Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, **porque ali o Senhor ordena a bênção** e a vida para sempre.” Salmos 133:1-3 (o sublinhado é meu)

- O Senhor quer união, “para que sejam um”, o que não significa que, forçosamente, tenhamos que ter todos a mesma opinião acerca das coisas que não são inegociáveis à fé cristã. Aqui deve entrar a espiritualidade dos mais fortes para suportarem os mais fracos. Paulo relembra os filipenses nestes termos: “Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo.” E acerca destes crentes, afirma: “Estais firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica.” (Filipenses 1:27). Fomos chamados para a paz.

- Um testemunho consistente de cada membro individualmente. Como? Afirmando a nossa identidade: em todo o lugar, por toda a parte, não deixando de ser o que somos em Cristo. Satanás atacou e tentou destruir a identidade do Senhor Jesus. No princípio do Seu ministério, Satanás dizia: “Se és o Filho de Deus transforma estas pedras em pães.” “Se és o Filho de Deus...”

Quando Jesus estava crucificado, o tom era o mesmo: “Se és o Filho de Deus, desce da cruz.” Mas, ao longo de todo o Seu ministério, Jesus ia reafirmando a Sua identidade: “Eu sou a ressurreição e a vida”; “Eu sou a luz do mundo”; “Eu sou a porta”; “Eu sou...” Nós temos de assumir a nossa identidade. E, sendo necessário, dizer à nossa alma o seguinte: “Eu sou filho de Deus. Eu sou concidadão dos santos. Eu sou embaixador do Rei dos reis. Eu sei a quem pertencço (“Eu sou do meu Amado e o meu Amado é meu”). Oh, que os homens nos considerem como “dis-

penseiros dos mistérios de Deus” (1 Coríntios 4:1). Que os nossos irmãos na fé possam dizer a nosso respeito: “Ele é amado e fiel”, e que os descrentes digam o que os filhos de Hete disseram a Abraão: “Tu és príncipe de Deus entre nós”; e os filisteus a Isaque: “Tu és o abençoado do Senhor”.

Devemos ser “uma carta” (2 Coríntios 3:2), mas uma carta aberta, conhecida e lida por todos os homens. Que possam ler na nossa vida palavras de esperança, conforto e serenidade. Que leiam uma mensagem que diz que vale a pena crer em Cristo! Que olhem e vejam que o amor de Deus foi derramado no nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado. Para cartas fechadas já bastam os Josés de Arimateia e os discípulos dentro de casas com portas trancadas com medo dos judeus!

CONCLUSÃO

MESMO FAZENDO TUDO ISTO, lembremo-nos do que Jesus disse em Lucas 17:10: “Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.”

E mesmo que muito plantemos e muito reguemos, o crescimento vem de Deus (1 Coríntios 3:6).

A Ele toda a glória! 🌾



MISSÕES a.C. (ANTES DE CRISTO)

por Eduardo Fidalgo israel4jesus@hotmail.com

MISSÕES d.C. (depois de Cristo), **LUZ PARA TODAS AS NAÇÕES**
“O PROPÓSITO PARA O QUAL existe uma igreja é o trabalho missionário. Tire-se de uma igreja a ideia missionária, e ter-se-á uma vida sem objetivo, uma árvore estéril, uma casa vazia sobre cuja porta está escrito ‘icabode’.” – MacDaniel

Missão (Do lat. Missione, ‘acção de enviar e tarefa do enviado’). Se a Bíblia é o primeiro recurso que Deus usa para contar ao mundo a história da queda espiritual do Homem, conduzindo-nos através do Plano da Salvação ao longo das suas páginas, Missões é um outro recurso poderoso, que assenta na tarefa prática de partilhar esse Plano, numa base que privilegia o testemunho pessoal.

Ora, a História de Missões que o mundo melhor conhece está dentro da janela cronológica da Igreja, e tem origem nas páginas do Novo Testamento. Nesse contexto, Mateus 28:18-20 é incontornável. É ele o coração de tudo o que tem a ver com Missões: **“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém.”** Paralela a esta passagem, existe uma outra no Evangelho de Marcos, que acrescenta mais alguns detalhes (16:15-18). E, na “Harmonia dos Evangelhos”, são identificadas mais duas situações, uma em Lucas e outra em João, que também dizem respeito ao assunto do **“Ide” – a Grande Comissão** (Lucas 24:44-49; João 20:21-23). Desta forma, surgindo em todos os Evangelhos, o registo deste legado prova a sua importância como pilar fundamental da Igreja, e desperta-nos para a sua obediência.

Mas a referência ao **“Ide”** não fica completa sem lembrar as últimas palavras de Jesus, poucos instantes antes de ser elevado aos céus, porque são elas que dão forma ao mapa estratégico de Missões: **“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-is testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra.”** (Atos 1:8) A esta evolução geográfica – partindo de Jerusalém para a Judeia e Samaria, e atingindo os confins da terra – poderíamos chamar de **“Sismo da Salvação”**. Isto porque a imagem que prevalece é a de um movimento imparável, que começa na Cidade Santa e alastra a todo o mundo: é mais do que um tremor de terra, é **um tremor na terra, com epicentro em Jerusalém!**

Guiados por orientações tão claras e ainda por cima tão frescas na memória de toda a gente, não é de estranhar que o próprio livro de Atos seja o Manual perfeito de evangelização: Começa em Jerusalém (1-7), segue para a Judeia e Samaria (8-9), e finalmente a mensagem é partilhada entre os gentios (10-28).

O próprio Jesus reconheceu que o Seu Ministério configurava uma Missão, com a prioridade de pregar as boas-novas aos Seus irmãos judeus: **“Eu não**

fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.” (Mateus 15:24). Mas a leitura do Novo Testamento mostra-nos também que a resposta ao **“Ide”** nem sempre esteve na base de um apelo espiritual de Deus. As coisas espirituais em que nos envolvemos podem não nascer da nossa espiritualidade. Tempos houve em que o Evangelho foi levado para longe, porque muitos tiveram de fugir de Jerusalém para salvar a pele: **“...E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e de Samaria, exceto os apóstolos.”** (Atos 8:1). Naqueles dias, crer em Jesus era um ato de coragem, e passar-se-ia muito tempo até que tal crença configurasse uma liberdade. Na era apostólica, e mesmo depois, continuou a ser ilegal e dava direito a prisão, e muitas vezes à morte. Dessa forma, par a par com os que voluntariamente sentiam o apelo de Deus e **“iam”**, estavam missionários improváveis cujo ministério era igualmente justificado por Deus. Às vezes, é através de meios inesperados que a Igreja alarga a sua tenda para fora da sua zona de conforto. Nós mesmos somos produto desse Sismo da Salvação, que não pára de abalar a terra, e que um dia nos atingiu também.

MISSÕES a.C. (antes de Cristo), **LUZ PARA OS GENTIOS**

HÁ UMA TENDÊNCIA quase aceite para se entender o **“Ide”** de Jesus como o início de Missões. Ora, se assim fosse, o Plano da Salvação de Deus para o Homem seria basicamente a grande oportunidade para os que viveram ou vivem nos dias do Novo Testamento, em detrimento das épocas anteriores. Mas Paulo teve a revelação de que o Evangelho foi anunciado ao próprio Abraão, dois milénios antes de Jesus: **“Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti”** (Gálatas 3:8). Qual terá sido a forma e o conteúdo desse Evangelho? Seria **“o Evangelho”** tal como nós conhecemos? Obviamente que não. Foi a revelação necessária e suficiente ao entendimento do Patriarca.

Esta questão, a do nível de Revelação, é essencial, e ela começa a ser trabalhada por Deus logo após a apresentação do Cordeiro ao mundo, em Génesis 3:15: **“Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”**. O texto é vago e enigmático, mas Deus inicia o lento e longo processo de alargar e iluminar a estrada da Sua Revelação. Aos poucos, o Senhor vai começando a dar face a perso-

nagens fundamentais, envolvendo-as assertivamente em determinados enquadramentos geográficos, políticos e espirituais, fazendo convergir eventos, pessoas e povos – tudo no Tempo certo – preparando afinal o cenário perfeito para receber o Cordeiro de Deus. É uma clarificação que demora muitos séculos, própria de um Deus para quem o Tempo não conta, trazendo mais luz aos detalhes difusos, até surgir a luz perfeita, Jesus, o Messias!

● ● ●
**“Sismo da Salvação”
 é um tremor na terra,
 com epicentro em Jerusalém!**

● ● ●



Seria irreal pensarmos que, durante todo este tempo, não tivesse havido nenhuma preocupação da parte de Deus em chegar o homem para Si. Ora, nos séculos que antecederam Jesus, a Bíblia foca-se em Israel. Israel era então, **como nação**, a única nação monoteísta. Na verdade, no meio de qualquer povo incrédulo, houve sempre alguém que estava ligado ao Deus de Abraão. Basta recordar Melquisedeque, rei de Salém, mas também sacerdote do Deus Altíssimo (Gênesis 14:14). Porém, a aliança de Deus com Israel era única, porque **era uma aliança nacional**. Daí resulta que, como Hoff aponta, Israel era **“a testemunha do único Deus verdadeiro perante as nações”**. Tal posição configurava Israel como a nação-missionária. Portanto, se queremos encontrar missionários antes de Jesus, será em Israel que os vamos encontrar. Ora, talvez nenhuma outra personagem bíblica do Antigo Testamento encarne melhor o ministério de um missionário, da forma que hoje entendemos um missionário, como o profeta Jonas. O nome significa “pomba”, e viveu no Séc. VIII a.C. durante o reinado de Jeroboão II. Era natural de Gate-Hefer (II Reis 14:25), aldeia nas cercanias de Nazaré, que pertencia à tribo de Zebulon. Foi, portanto, um profeta do Reino do Norte, numa época de grande prosperidade, riqueza e bem-estar em Israel. Sabemos, pela leitura bíblica, que é raro o desafogo económico conviver bem com princípios espirituais. São tempos em que as pessoas voltam as costas a Deus, embriagadas por uma auto-suficiência que julgam, de forma errada, que está na origem da sua prosperidade, e que tem a capacidade de as poder sustentar. No entanto, Jonas não foi chamado para exortar os israelitas. Ele foi enviado a um povo muito diferente do seu, os assírios. Jonas ouviu claramente o **“Ide”** missionário da parte de Deus: **“Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até à minha presença.”** (1:2). Sabemos bem que isso não aconteceu imediatamente, e lucraremos pouco em centrarmo-nos mais uma vez na desobediência de Jonas. Mas talvez possamos ganhar alguma coisa se questionarmos essa desobediência numa perspetiva que tenha em vista o contraponto com os nossos próprios princípios missionários. É por isso que, a meu ver, os dois aspetos que a seguir se abordam, contribuirão de um modo muito especial para o relativo fracasso de Jonas. São aspetos que, nos dias de hoje, aparecem com uma roupagem diferente, mas têm contornos semelhantes, para além de provocarem os mesmos estragos.

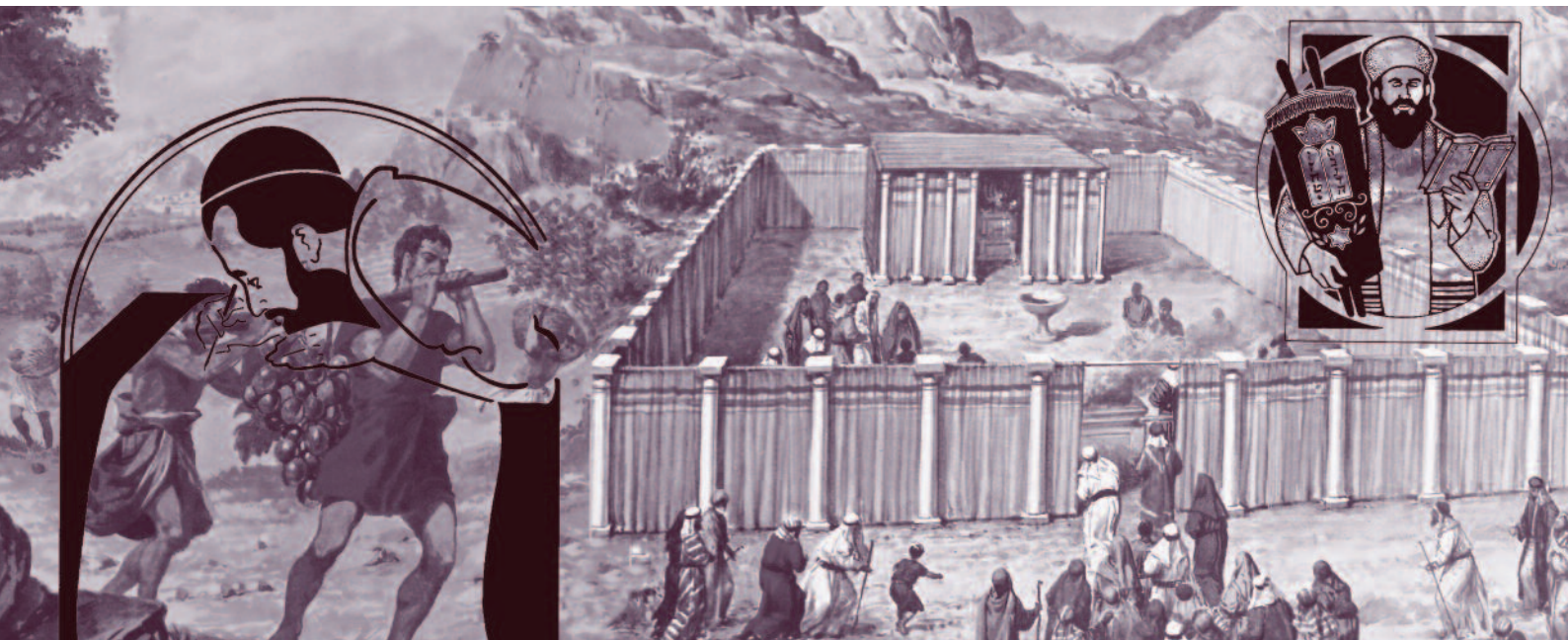
● ● ●
É óbvio que Jonas se recusou a ser missionário entre os gentios!
 ● ● ●

Guarda-te... dos gentios – A relação entre os judeus e os **gentios** foi quase sempre uma não-relação. Porém, o mais interessante é que as linhas gerais que norteavam os contactos entre uns e outros foram enunciadas pelo próprio Deus, **“Guarda-te de fazeres aliança com os moradores da terra aonde hás-de entrar; para que não seja por laço no meio de ti”** (Êxodo 34:12), com a intenção clara de evitar que os gentios influenciassem Israel com práticas estranhas aos princípios divinos, nomeadamente pelas que estavam ligadas à idolatria. O rol de proibições de ligação aos gentios era muito alargado, abarcava muitas áreas da vida, e Êxodo 34:12-16 será apenas um pequeníssimo exemplo. Mas a separação visava essencialmente a santidade da nação, impedindo a corrupção dos costumes. A grande preocupação era evitar que fossem assimilados por culturas estranhas. Deus não propôs nenhum tipo de segregação. Diante do povo, a conduta que deveria prevalecer era **“é o pecado dos gentios que tem de ser rejeitado, para não vos fazer pecar!”**.

Portanto, para os judeus, os gentios estavam ligados ao espectro negativo do pecado. Eram chamados de **“incircuncisos”**, e foram objeto de um afastamento sistemático. Encontramos essa atitude em personagens bíblicas de relevo, como **Sansão** (Juízes 15:18), **Jónatas** (I Samuel 14:6), **Saul** (I Samuel 31:4; I Crónicas 10:4), e até **David** (I Samuel 17:26, 36; II Samuel 1:20), só para citar alguns.

No Novo Testamento, estes traços continuavam a estar presentes. Pedro teve de explicar aos **gentios** que estavam na casa de um **gentio** chamado Cornélio (Atos 10:28), que só tinha posto de parte determinadas regras porque o próprio Deus, através de uma visão, o tinha instruído a isso. Mas não evitou, algum tempo depois, ser pressionado pelos apóstolos e demais irmãos que estavam na Judeia, e que desconheciam as causas do seu comportamento (Atos 11:1-3).

Muito bem, ... e Jonas? **É óbvio que Jonas se recusou a ser missionário entre os gentios!** Jonas fugiu como judeu, não queria ter qualquer tipo de intimidade com aquele povo, e muito menos apelar ao seu arrependimento, sabendo que o perdão de Deus não ia falhar. Desde sempre que a Assíria era sinónimo de violência, e naquele tempo já estava a ser uma espada de juízo sobre Israel (II Reis 10:32). É quase certo que havia uma ponta de revolta no profeta, só de pensar que Deus estava disposto a perdoar tal gente. Imagine-se então..., se ele pudesse saber que daí a cerca de quarenta e cinco anos,



esses mesmos gentios iam acabar de vez com o reino do Norte de Israel... **O Nacionalismo Religioso** – Ser o povo de Deus foi, durante muitos séculos, o grande suporte espiritual de Israel. Mas não poucas vezes essa posição foi transformada numa autêntica pedra de tropeço. A singularidade de Israel perante Deus, e o isolacionismo em que se mergulhou face aos gentios, consolidou para alguns a ideia falsa de que Deus estava apenas interessado na salvação dos israelitas, e que as nações estavam fora desse plano. Ora, esta conclusão nem sequer era bíblica, porque Isaías, por exemplo, referindo-se ao Messias, ligou-O várias vezes à salvação dos gentios: **“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho, o meu eleito, em quem se apraz a minha alma; pus o meu espírito sobre ele; ele trará justiça aos gentios. .../... Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, e te tomarei pela mão, e te guardarei, e te darei por aliança do povo, e para luz dos gentios”** (Isaías 42:1, 6, cf. Mateus 12:15-21). E foi essa posição errada a responsável por lhes alimentar um falso sentimento de superioridade espiritual perante o mundo, que criou em Israel a ilusão de um absolutismo religioso, de carácter coletivo e nacional.

João Batista viu-se envolvido com este espírito de arrogância, visível em alguns fariseus e saduceus, e pôs o dedo na ferida, quando lhes disse: **“E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”** (Mateus 3:8).

Novamente se pergunta, ... e Jonas? **Como judeu, do alto da sua espiritualidade vencedora e privilegiada, Jonas não estava interessado na salvação dos que não pertenciam ao seu grupo religioso.** Ou seja, o enviado, o missionário, estava seguro de que tinha uma palavra a dizer sobre quem devia ser salvo, e quem não devia ser salvo.

DEVEMOS ALGUMA COISA AOS JUDEUS?

Hoje em dia, é grande a resistência de alguns setores da Igreja em entenderem Israel como um campo de Missão. Há projetos missionários praticamente em todo o mundo: em África, na Índia, na América Latina, no mundo islâmico, mas raramente Israel tem a sua oportunidade. Curiosamente, amam-se as pedras de Israel e ignora-se-lhe o povo. Israel é grandemente penalizado, porque para muitos, faz parte de um contexto espiritual que está gravemente enfermo por causa de muita religiosidade, pelo estigma da circuncisão e do Sábado, e pelo imaginário de

fariseus e de saduceus, cujos pecados se expurgam domingo após domingo. É costume explicar-se a recusa de Jonas apenas como um ato básico e irrefletido de rebeldia. Contudo, é óbvio que aquela recusa escondeu outros motivos, e teve a sua origem numa grande falta de visão espiritual. No entanto, aos seus próprios olhos, era afinal a sua enorme visão espiritual que, como judeu, o distinguia de todos os **“incircuncisos”**. Mas essa **“Síndrome de Jonas”**, que **“escolhe o campo missionário a seu bel-prazer”** está hoje bem viva em alguns setores da Igreja, e não é nenhuma virtude cristã. Se Deus não acolheu a atitude do profeta, e o foi buscar ao porão do navio, também não aprovará situações semelhantes. Muitos barcos para Missões continuam a navegar para Târsis. Será que o sono pesado, dos que lá vão dentro a dormir, lhes advém da segurança de pensarem que hoje em dia Deus já não visita porões?

O que é que devemos aos judeus? Existe alguma razão especial para ter com os judeus sentimentos de gratidão? Se respondermos à luz do que já foi feito por Israel como um povo-Missão, teremos de responder que lhes devemos muito pouco, ou que não lhes devemos rigorosamente nada. Parece-me contudo, que a Bíblia tem um ponto de vista diferente: **“...são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém”** (Romanos 9:4-5). E se atentarmos bem para a pregação de Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2), que é um exemplo entre muitos, veremos que foi numa

cidade judaica (Atos 2:5) que uma enorme **multidão de judeus** (Atos 2:5) assistiu a uma **feira judaica** (Levítico 23:15-21), onde pregou um **apóstolo judeu** (Mateus 10:3), acerca das palavras de um **profeta judeu** (Joel 2:28-32) e das palavras de um **salmista judeu** (Salmos 16:8-11). O resultado foi a conversão de **3000 judeus** (Atos 2:41), que aceitaram **Jesus, o Messias, um judeu** (Atos 2:38) como Salvador das suas vidas. **E será que não devemos nada aos judeus?**

Podemos hoje louvar o Senhor, porque os confins da terra ainda tremem por causa do **“Sismo da Salvação”**. Mas, em Jerusalém – **e de forma contranatura** – onde tudo começou, não há sismos a reportar. 🌿



amam-se as pedras de Israel e ignora-se-lhe o povo



EVANGELIZAÇÃO PELA INTERNET

por Pedro Costa info@linkspatrocinados.pt www.linkspatrocinados.pt

NOS TEMPOS BÍBLICOS os homens de Deus usavam os meios mais avançados de comunicação da altura: a escrita, quer em forma de livros quer de cartas. E foi desta maneira que a palavra de Deus foi preservada e usada de gerações em gerações e levada a locais distantes para salvação de almas. Assim fazia Paulo que, além de usar as estradas e vias romanas para pessoalmente se deslocar, evangelizava usando cartas - a "internet" da altura - que poderiam ser consultadas e relidas, comunicando como que se ele próprio estivesse a falar com a pessoa que as lia.

ANTES DE ENTRAR no tema Internet, pretendo começar pela evangelização.

Conforme Mateus 25:14-30, Jesus de forma simples indica que iria partir para fora da terra e durante a sua ausência nos deixaria os seus bens para negociarmos e granjearmos, deixando claro que viria um dia pedir contas aos seus servos.

Jesus realizou várias comparações e analogias com o evangelho, comparando-o ao tecido comercial e empresarial da altura.

Vemos isso no setor das pescas, com o desafio de sermos pescadores de homens, e na agricultura, onde devemos ser um terreno fértil para receber a semente lançada para produzirmos muitos frutos. Temos ainda outros exemplos como os ramos da Videira, as árvores de fruto, a seara, a figueira sem frutos, os servos chamados para a ceia, sermos o sal da terra, a luz do mundo, o bom perfume, entre outros.

Em todos estes exemplos vemos um apelo à produção de resultados, já que sem os mesmos somos deitados no fogo, pois para nada prestamos. Ou seja, temos que negociar e granjear para levarmos pessoas arrependidas aos pés de Cristo. Como um bom comercial que procura e está focado em realizar reuniões com o propósito de granjear novos clientes, convertendo-os ao seu produto, assim também nos devemos focar em sermos instrumentos usados para conversão de almas das trevas para a luz.

Num encontro, conversa ou reunião comercial (e todos nós já fomos atingidos por esta abordagem, quer por telefone por comerciais de telemarketing, quer presencialmente em

nossos lares por vendedores porta-a-porta), vemos que a venda está focada no fecho de um novo cliente e normalmente passa por estes **5 passos**:

1. **apresentação ou quebra gelo,**
2. **descoberta de necessidades,**
3. **apresentação do produto ou solução,**
4. **rebate de objeções e**
5. **fecho de contrato ou venda.**

A área comercial numa empresa é muito importante, pois é ela que faz crescer a empresa. Um bom comercial sabe que quantos mais encontros ou reuniões tiver maior é a probabilidade de obter mais vendas. Isso torna-o proativo, criando contactos, indo para melhores locais, criando base dados de potenciais clientes ou anunciando-se em publicidade e fazendo-se conhecido.

Vemos todas estas estratégias refletidas nos exemplos bíblicos acima indicados, mas será que estamos a agir dessa forma? Ou estamos a fechar-nos para o exterior e evangelizamos cada vez menos? Nas reuniões nas nossas igrejas locais tem existido mais mensagens de edificação ou de evangelização com apelo? Pois se não evangelizamos e apelamos à conversão como podemos ter frutos? É importante e por isso somos todos desafiados a não nos escondermos, antes devemos granjear e negociar, pois a Igreja tem um dever: Ir por todo o mundo e anunciar o evangelho a toda criatura. Da mesma forma, Paulo fez de tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns.

A internet é uma das formas, é um meio de comunicação através do qual podemos chegar e anunciar a todo o mundo. Se evangeli-

zar é anunciar e comunicar o evangelho, nos tempos atuais a Igreja necessita de ser perita não só na área de comercial, mas também na área de comunicação e marketing. Como estamos a comunicar com os perdidos? Que meios temos usado?

EM PORTUGAL, de acordo com a ANACOM, no final do 3º Trimestre de 2015, antes do período alto do natal, tínhamos 5,5 milhões de pessoas que utilizavam internet de banda larga móvel. Ou seja, mais de metade dos portugueses usa e consulta a Internet no telemóvel. Em média, cada Português consome 4,2 horas por dia de Internet, superior à televisão com 3.1, rádio com 3.0, jornais 1.4 e revistas 0.8 horas.

Se a estratégia de evangelização da Igreja em Portugal passa por distribuição de folhetos, é bom, porque pelo menos está a fazer algo. Mas não está a usar o melhor meio de comunicar em Portugal de forma atrativa, social e dinâmica no local onde todos veem com interesse e gosto.

Ao longo dos anos, a pesquisa no Google pelas palavras igrejas evangélicas, Bíblia e Deus tem aumentado significativamente. Contrariamente, as igrejas locais portuguesas não estão presentes ou visíveis nos primeiros lugares, não fazem qualquer anúncio e, muitas das que possuem site estão desatualizadas. Em Águas Santas, Igreja local onde me reúno e sou ancião, formamos um grupo de 5 jovens a que chamamos "grupo do site". Com o objetivo de estarmos presente online, reunimos imagens e testemunhos dos membros, fotos e vídeos de eventos passados, declaração de fé, horários, anúncios, mensagens, jornal da igreja, livraria evangélica, formulário de contacto, e lançamos o website no Sábado de Páscoa às 21h00. À data da conferência, um mês depois, já tínhamos obtido 4.025 visitas. Ali temos divulgado em filme as mensagens e louvor dos cultos e desta forma está a ser assistido em vários países distantes. Mas o mais importante é que ao longo do tempo temos recebido alguns

contactos de pessoas que nos conheceram online, nos visitam, se convertem, são batizados e a igreja aos poucos está a crescer, graças a Deus!

Para evangelizar pela Internet precisamos de ter um site onde coloquemos toda a informação. Este site deverá estar presente nos primeiros lugares Google, para ser encontrado e ter audiência a quem comunicar. Para atingir esses lugares cimeiros, utilizam-se técnicas de SEO (Search Engine Optimization) que passam por ter um bom servidor dedicado, criar o site que comunique com o Google; o site deverá ser responsive e mobile friendly, possuir conteúdos ricos para as palavras-chave pelas quais pretendemos ser encontrados, entre outras.

Depois podemos usar algum marketing e publicidade, investindo em anúncios que divulgam o site e respetivo evangelho, focando em duas áreas: o Search e o Social/Display.

PASSO A EXPLICAR: existem dois tipos de estratégia em marketing digital – uma delas é atingir as pessoas que têm interesse e que andam à nossa procura, e nesses utilizamos o SEM (Search Engine Marketing). A outra é criar desejo nas pessoas que nunca nos iriam procurar e fazemos isso usando o SMM (Social Media Marketing).

No SEM utilizamos anúncios nos motores de busca, principalmente no Google, para aparecermos nos primeiros lugares quando se introduzem várias palavras chave e assim atingirmos o público que está interessado. No SMM utilizamos anúncios, em forma de displays e vídeo, no Facebook, em sites temáticos com enorme visibilidade e no YouTube para criarmos desejo e curiosidade.

O custo destes anúncios é cobrado geralmente por clique (CPC), por milhar de visualização (CPM) ou por ação (CPA) correspondendo cada uma destas unidades a um valor em centimos de Euros.

Estou ao total dispor para prestar mais esclarecimentos e poder ajudar de forma individual ou nas igrejas locais, nesta área, pelo que deixo os meus contactos¹.

Desta forma, e concluindo, conseguimos comunicar melhor através de uma via atraente e dinâmica que todos utilizam - a Internet - fazendo cumprir o mandamento de irmos por todo o mundo e pregarmos o Evangelho.



¹TELF. 707 50 22 62 TELM. 961 510 776



“Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.” Mateus 22:37 “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, (...)” Eclesiastes 9:10

PERFIL DE SERVO

por Clarisse Barros

DE UM MODO GERAL, os filhos de Deus sonham com a oportunidade de servir o Senhor de forma significativa. Desejam que a sua passagem pelo mundo não seja em vão. Gostariam de chegar ao fim da vida, olhar para trás e ver algum fruto do seu trabalho.

Estamos conscientes de que a seara é grande e que não podemos dispensar nenhum ceifeiro, porque a noite vem, quando ninguém pode trabalhar (João 9:4)! Sabemos que os nossos dias, deste lado da vida, estão contados e numerados criteriosamente no calendário de Deus. Portanto, compreendemos que as nossas oportunidades de serviço não são ilimitadas; cada uma delas é especial e deve ser tratada como se fosse única.

Muitos filhos de Deus têm deixado tudo para O servirem: o mar, o barco, as redes, o pai,

a casa – o que equivale a dizer: o meio onde sempre viveram e sempre se movimentaram, os sonhos, a profissão, a família, o conforto... Respondem ao convite do Senhor e tornam-se pescadores de homens, algumas vezes enviados às nações distantes.

O Senhor precisa de trabalhadores assim, dedicados e diligentes, seja qual for a sua área de perícia, seja qual for o dom do Espírito Santo que lhe foi confiado e seja qual for a sua idade, nacionalidade ou temperamento. Há uma pluralidade de necessidades, que deve traduzir-se em diferentes ministérios, todos eles motivados pelo amor que devemos ao Senhor e uns aos outros.

O que têm em comum esses filhos de Deus que O servem de todo o coração? Bem, entre as várias qualidades que os distinguem, eles têm uma que determina até onde estão dispostos a ir pelo Senhor e pelos outros: o per-

fil de servo. Vamos olhar, brevemente, para algumas das suas características:

- o servo alegra-se em servir e nunca se esquece de quem é o seu Senhor; procura honrá-lo, tanto com as suas palavras, como com as suas obras;
- pensa nos outros mais do que em si próprio; honra aqueles a quem a honra é devida;
- quando é chamado pelo Senhor, está pronto a ir;
- anseia pelo conhecimento cada vez mais profundo da Palavra de Deus e pela comunhão cada vez mais próxima com o seu Pai celestial;
- sofre o agravo e a injustiça por amor à paz;
- é pacificador, não entra em contendas e também não as provoca;
- revela o fruto do Espírito no seu andar diário;
- não se ofende facilmente, não se melindra nem amua;

... muitos filhos de Deus têm deixado tudo para O servirem: o mar, o barco, as redes, o pai, a casa ...



- não tem ciúmes; não alimenta ressentimentos, nem amargura;
- não busca a projeção pessoal e não procura construir o seu próprio reino: concentra-se na edificação do reino de Deus;
- revela sabedoria espiritual e inteligência espiritual;
- não desiste facilmente: mantém as mãos no arado, firmemente, sem olhar para trás;
- sabe que há um tempo para todo o propósito debaixo do sol: deixa-se guiar pelo Senhor para saber quando começar e quando terminar um serviço;
- confia no Senhor e não nas suas capacidades pessoais; sabe que sem Ele, nada poderá fazer;
- anda humildemente com Deus todos os dias, atribui ao Senhor toda a glória e não se envergonha da sua fé;
- não aponta, de forma acusadora, os erros alheios, nem guarda um registo das faltas dos outros;
- não suspeita mal; é bondoso, compreensivo e tolerante;
- é fiel e confiável: honra os seus compromissos;
- perdoa completa e prontamente, tal como foi perdoado em Cristo;
- não se defende nem se vinga a si mesmo; o seu defensor é o Senhor; paga o mal com o bem;

- faz todas as coisas como para o Senhor e não para as pessoas;
- não murmura nem se queixa do trabalho que o Senhor lhe dá para fazer; considera-o um grande privilégio;
- é íntegro, não usa máscaras;
- aceita a correção do Senhor, lembrando-se de que Ele corrige aqueles a quem ama, e limpa toda a vara que dá fruto, para que dê mais fruto;
- aplica-se e exercita os seus dons, para que se tornem mais eficazes na obra de Deus;
- a sua grande motivação é o amor ao Senhor;
- reveste-se de toda a armadura de Deus diariamente e não deixar de usar todas as suas peças;
- analisa o seu desempenho pessoal e esforça-se por melhorar;
- tem uma fé viva e contagiante!

Estas são apenas algumas das qualidades sem preço daqueles que servem o Senhor com todo o seu coração, todo o seu entendimento e todas as suas forças. Tudo quanto têm a oportunidade de fazer, fazem-no com a maior excelência que conseguem apresentar; ultrapassam os limites das suas forças muitas vezes; exercem o seu ministério apaixonada-

mente, lembrando-se de que é a Cristo, o Senhor, que estão a servir! Estão conscientes da missão para a qual foram separados e equipados pelo Senhor: são servos com uma missão! O servo do Senhor não é um cristal delicado e frágil, com o qual todo o cuidado é pouco, para que não se risque e não se quebre. O servo do Senhor é um diamante gerado em secreto sob muita pressão, arrancado das trevas, trazido para a luz pela mão do próprio Deus, lapidado por Ele, vez após vez, até refletir algumas facetas da imagem de Cristo, o Servo Perfeito!

Talvez não nos sintamos como um grande diamante. Talvez pensemos que precisamos ainda de muita lapidação, muito trabalho de paciência, da graça e do amor de Deus. Deixemos que Ele trabalhe em nós e nos transforme no melhor diamante que conseguirmos ser, brilhando o melhor que conseguirmos servir, para que, pelo menos, o Senhor possa dizer a nosso respeito: “Esta fez o que podia, (...)” (Marcos 14:8) Que nenhum ceifeiro deixe a parte da seara que lhe cabe!

Que nenhum diamante deixe de brilhar! 🌾

... o Senhor precisa de trabalhadores assim, dedicados e diligentes, seja qual for a sua área de perícia ...



AUTENTICIDADE NO TESTEMUNHO

por António Manuel Marques

MATEUS 5:13 a 16

INTRODUÇÃO

Bem prega frei Tomás, faz o que ele diz e não o que ele faz

É talvez a frase mais usada para condenar a hipocrisia religiosa, e não só.

Há imensos hipócritas na nossa sociedade, mas nem por isso essa atitude deixa de revoltar quem a observa.

A autenticidade é a base de muitos Spots publicitários ‘Super bock sabor autêntico, ‘Descubra os autênticos lombos de pescada do Cabo, da Pescanova’, ‘Compal o autêntico sabor a fruta’, ‘Nissan Titan Warrior, um autêntico guerreiro’, etc

As pessoas, apesar de viverem num mundo cheio de falta de autenticidade, não deixam de valorizar o autêntico e a coragem que lhe subjaz.

Explicação: Toda a Bíblia, com destaque para o evangelho de Mateus, nos fala da autenticidade essencial na vida cristã como base para ser e agir para bênção dos outros e glória para Deus. Mateus apresenta Jesus aos judeus como o Rei Messias, a quem eles esperavam majestoso, dominador, engrandecedor, mas que veio como um Rei diferente, humilde, amoroso, exemplar até à morte de cruz e ressurreição vitoriosa.

Todo o livro mostra Jesus como diferente, especial: Os capítulos 1 e 2 mostram o nascimento humilde do Rei, o cap. 3 mostra o arauto diferente do Rei, o cap. 4 mostra a preparação diferente do Rei para a batalha e o cap. 5 mostra o ensino do Rei, diferente, para que o seu povo seja também diferente.

A passagem no capítulo 5 versos 1 a 12 mostra que a felicidade existe no verdadeiro caráter cristão e, a passagem que vamos usar, 5:13 a 16, revela a relação entre o ser e o agir para cumprir a missão dos crentes no mundo. Assim, nas palavras de Cristo somos desafiados a ter:

1 A AUTENTICIDADE DE UM TESTEMUNHO QUE FAÇA A DIFERENÇA

Vs 13 Vós sois o sal da terra

A ilustração envolve 2 elementos na afirmação, ao abordar as características dos crentes e da terra em conjunto.

A 1ª característica do sal é SER DIFERENTE dos alimentos a que se junta, por isso os muda, por isso lhes dá sabor. **O seu poder está na diferença.** A noção é a de que também **o poder dos discípulos está na diferença.** O “vós” é para todos os crentes, o nosso poder está na diferença em relação a este mundo, se detemos e exibimos o verdadeiro caráter cristão.

A 2ª característica do sal é PRESERVAR, impedindo a multiplicação dos micróbios geradores de decomposição. No passado, quando não havia frigoríficos, era essa a solução para conservar os alimentos.

Ou seja, **precisamos ser purificadores contra o declínio moral deste mundo**, que está cada vez pior. Os padrões morais degradam-se, as pessoas agem de forma cada vez mais libertina, publicam-se leis imorais que agravam a noção de certo e errado do povo, nada está errado, a única coisa que é proibido é proibir. **Ante o pecado crescente, é preciso uma**

o crente formal é inútil e ridículo. Existimos para iluminar

intervenção progressiva dos crentes, com seu caráter diferente.

A 3ª CARACTERÍSTICA do sal é SIMBOLIZAR A FIDELIDADE E CONSTÂNCIA. Tanto assim era, que os povos no passado usavam o sal para ratificar tratados e alianças entre si. Ante as características do sal para o nosso caráter cristão e considerando o estado moral da nossa sociedade, **todos precisam que sejamos diferentes**, agindo de acordo com esse caráter fantástico, **vivamos de forma autêntica, santamente, sendo fiéis ao Senhor** que por nós morreu, **mantendo cuidadosa disciplina pessoal na nossa vida**, seja no falar, nos comportamentos puros, na correção relacional com os outros, mesmo com os difíceis, fazendo o bem ao próximo.

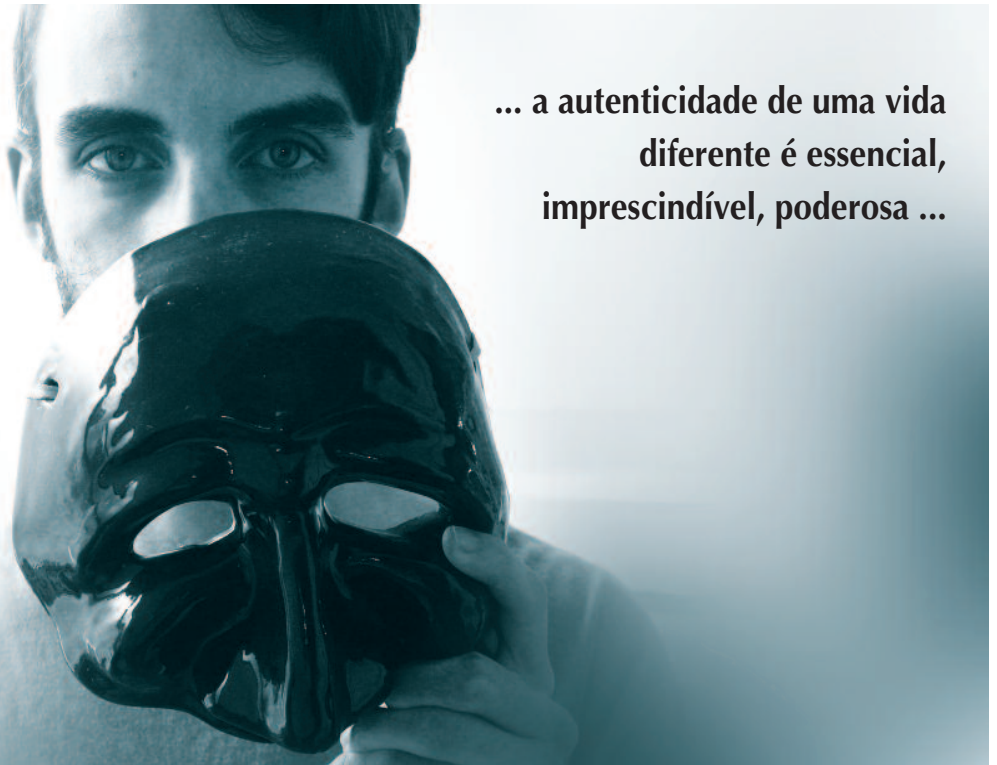
Que valores e crenças é que a nossa vida transmite aos outros onde quer que nos encontremos (no trabalho, na vizinhança, etc.)? Lembremo-nos de que somos o sal para esta terra, não há outro. **A autenticidade de uma vida diferente é essencial, imprescindível, poderosa.**

1A SE NÃO FAZ DIFERENÇA, É A INUTILIDADE

13b) E se o sal for insípido como se há-de recuperar o sabor? Para nada mais presta senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens.

O sal-gema, nas suas camadas exteriores, devido ao contacto com o ar e suas impurezas, perde o sabor, a salinidade.

O mesmo sucede com o crente morno, (Ap 3:16). No grego, a expressão significa agir como um tolo. Ao perder o interesse pelas coisas de Deus, deixa a porta aberta à progressiva influência do mundo / do pecado. Muitas vezes temos deixado entrar a influência deste mundo, dizem-se umas coisas muito corretas e bonitas, daquilo que se sabe ser correto (por não poder dizer aquilo que sabe ser errado), mas vivendo de forma diferente. Não se exercem as qualidades do sal



... a autenticidade de uma vida diferente é essencial, imprescindível, poderosa ...

com a sua intensidade. Se não percebemos a urgência de intervir pela diferença nesta sociedade, como ela está, então não estamos a viver a vida do cristão com o carácter de Cristo, não estamos a dar o testemunho que faz a diferença, não estamos a agir de acordo com a nova natureza, a sermos autênticos.

2 UM TESTEMUNHO AUTÊNTICO É QUE PODE ILUMINAR

14 VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO

A luz permite ver, mostra a realidade, deixa tudo às claras, revela tudo. A luz contrasta com as trevas, com o desânimo, a obscuridade, a tristeza, a luz é símbolo de alegria, vida, bênção e presença de Deus. Jesus foi crucificado porque iluminava a realidade, punha tudo às claras. Jesus foi crucificado porque era incómodo, revelava o mal camuflado que os fariseus e doutores da lei faziam, disfarçado de religiosidade.

Também quem tem o carácter cristão não passa despercebido, depois de contrastar tem autoridade para falar, para mostrar o mal, revelar as trevas e a sua causa - o pecado - e apontar para a solução - Jesus. Por isso sofre perseguições.

João 8:12 Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida. E agora a mesma expressão dita por

Jesus sobre si é a que disse sobre nós.

Depois da ilustração do sal ter sido tão clara, porque seria preciso outra? Muitos podem pensar que a sua influência sobre o mundo é irrelevante e, por receio, ficam calados. Jesus disse que nós somos exatamente o mesmo que ele próprio: a luz do mundo. Note-se que nós emitimos a sua luz, tal como a lua emite a luz do sol. A sabedoria do mundo nada diz sobre a vida real, sobre as trevas, sobre a causa do mal. Aqueles homens simples eram a luz, não Sócrates, Platão, Aristóteles, mas a luz de Jesus. Esta é uma tremenda declaração, é emocionante, é impulsionadora, capaz de lançar fora o medo gerado por Satanás. Claro que isto é sem esquecer que 1º vem o sal, o ser, para depois vir a luz, agir.

Com a autenticidade que faz a diferença temos toda a autoridade para falar de Cristo, caso contrário vale mais estar calado. Ser para depois dizer é a via certa para uma vida profissional com impacto para salvação dos que nos cercam.

2A ABSURDOS RIDÍCULOS

1º Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte

2º Nem se acende uma candeia e se coloca

debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos os que estão na casa.

Ambos os procedimentos são ridículos e absurdos, nem a cidade sobre o monte se pode ocultar, nem ninguém acendia a candeia para depois tapar a luz que desejava obter. Nós somos a cidade celestial no monte, nós somos a luz de que o mundo precisa para iluminar as trevas, mostrar o pecado e a solução, é ridículo e absurdo esconder isso de quem tanto necessita, os discípulos não devem viver a vida de testemunho para dentro da igreja, escondidos nela, mas precisam mostrar ao mundo o que são. Deus quer-nos intervindo, onde estivermos, não ocultando as nossas qualidades únicas, somos a luz. Há quem esconda até que é crente, ou quem diga sê-lo mas não seja autêntico na sua forma de vida quotidiana. Ora o crente formal é inútil e ridículo. Existimos para iluminar.

3 UM TESTEMUNHO DE VIDA QUE GLORIFIQUE A DEUS CUMPRIR A MISSÃO

Vs 16 Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.

Esta deve ser a razão principal da nossa vida inteira, não a procura de objetivos que nos

tragam vantagem imediata, para vida nos ir bem materialmente, mas sim para que os outros possam ver a verdadeira bondade cristã em ação, a verdadeira luz, expressa em atos concretos de gentileza, de caridade, de serviço ao próximo, revelando afinal a luz que o Espírito de Cristo infunde em nós e, assim, encantados, possam desejar dar honra, louvor e glória ao doador dessa luz.

Na igreja evangélica, vivendo a doutrina da graça, esquecemos muito as boas obras, lembramos Ef. 2:8 e 9 e esquecemos o 10, ou Tiago 2:20.

Mas a igreja primitiva não esquecia e manteve-se assim vários séculos. Por ex. no séc. IV, a igreja em Roma alimentava 20000 pobres, manifestando assim que Jesus é o Senhor. Isso impediu o imperador Juliano de atentar contra ela matando os crentes.

Como amamos e servimos os outros com os recursos que temos? Nomeadamente com a nossa profissão? Temos ajudado os necessitados ou os colegas de trabalho, temos servido com as nossas capacidades, com a nossa profissão? Comportamo-nos de forma



viver de forma autêntica e proclamar com palavras e atos de amor é ser uma forte influência para que os outros também proclamem a glória de Deus



exemplar? Falamos de Cristo com autoridade do testemunho acompanhando?

CONCLUSÃO

Foi-me pedido foi que apresentasse as bases bíblicas para usar a profissão como missão.

Diria, em síntese, que é imprescindível ser para, com a autoridade da autenticidade, poder agir, falando e amando na prática.

Em revisão dos pontos principais, para ser um missionário na sua profissão, é preciso:

I - A autenticidade de um testemunho que faça a diferença

Ser o sal da terra, diferente, conservador, fiel.
* Se não formos autênticos, somos inúteis.

II - Um testemunho autêntico que ilumine

Ser a luz do mundo, mostrando o erro e a solução - Cristo

* Não o mostrar é ridículo, contrário à nova natureza e missão.

III - Um testemunho de vida que glorifique a Deus

Viver de forma autêntica e proclamar com palavras e atos de amor é ser uma forte influência para que os outros também proclamem a glória de Deus. Esse será o maior bem para este mundo degradado, que precisa desesperadamente de nós. 🌾

iniciado na pág. 3 MARIA DO CARMO HEMBOROUGH - UMA MISSIONÁRIA EM MOÇAMBIQUE

concebidas acerca de uma cultura ou das tradições de um povo pode criar barreiras muito mais difíceis de ultrapassar. No campo missionário também se aprende e se dá mais valor às coisas básicas da vida. O simples facto de usar 'capulana' (o traje típico das mulheres africanas) criou uma nova identificação para mim – fui aceite como uma das 'mães' nas igrejas! Eu sempre desejei envolver-me nas atividades práticas e oferecia-me para ajudar na preparação da comida quando havia conferências ou casamentos na igreja que frequentávamos. Por questões de respeito e consideração a minha oferta sempre foi recusada. Até que por ocasião de uma conferência de jovens, as 'mães' estavam um pouco atrapalhadas com falta de pessoas para ajudar. Telefonaram-me e perguntaram se eu as poderia ajudar, ao que respondi prontamente. Quando cheguei ainda senti um pouco de constrangimento mas deram-me uma tarefa – arranjar frangos! Ainda me lembro do fascínio e admiração quando as outras mulheres viram que **final a missionária sabia fazer mais alguma coisa além de ensinar**. Ser reconhecida como uma 'das nossas mães' talvez tenha sido uma das grandes recompensas que recebi.

Faz parte da cultura moçambicana uma mulher, quando casa, passar a ser considerada 'mãe'. Esta ideia aplica-se à maioria das situações. Quando uma missionária alcança este estatuto, cria um relacionamento muito mais profundo, especialmente com as pessoas que nos estão mais próximas. Ser tratada como 'titia' por parte das crianças e jovens nos coloca num grau familiar envolvendo todo o respeito e consideração que se tem por um membro mais chegado da família. Por isso fui 'mãe' para muitos moçambicanos – alegrei-me nas alegrias dos que escolheram ser meus filhos; chorei nas suas tristezas. Aprendi com eles que o nosso tempo aqui é apenas uma passagem, e assim tornou menos doloroso os momentos em que o Senhor levou alguns, ficando com a esperança de que um dia nos vamos encontrar. Também 'adotei' alguns filhos da minha própria cultura, como o Nuno Calaim – estes também têm um lugar muito especial no meu coração.

Ser missionária é muito mais do que exercer uma profissão ou apenas ensinar a Palavra de Deus. Eu não sou qualificada em termos profissionais, mas o Senhor me deu dons e talentos para o servir. E aqui reconheço o quanto é importante estarmos conscientes daquilo que o Senhor pode fazer – se Ele chama, Ele capacita! Ele sabe muito bem o que está a fazer quando nos escolhe para uma determinada tarefa.

Agora estou a viver em Portugal. A chamada do Senhor para missões está tão viva agora como estava há trinta anos atrás. O campo ainda continua pronto e os trabalhadores ainda são poucos. A certeza de que o Senhor, na Sua infinita graça, me escolheu para fazer parte desta grande obra chamada 'Grande Comissão' leva-me ao desejo de O servir. Agora os desafios são outros e ser missionária alcançou uma nova dimensão – outros países de língua portuguesa. Moçambique ainda tem um lugar muito especial no meu coração, e sei que o Senhor cuida da Sua obra, usando os moçambicanos aos quais Ele me deu o privilégio de transmitir a visão de alcançar os outros com a Sua Palavra. Quanto a mim, quer seja aqui ou em qualquer outro lugar, sempre que o Senhor me perguntar: **"A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" eu responderei: "Eis-me aqui, envia-me a mim."** Isaías 6:8 🌾

MISSÃO NA ÁREA SOCIAL

por Ana Rute Lamúria

QUANDO PENSAMOS na área social, várias ideias vêm à nossa mente.

Pensamos em pobres, pessoas que precisam de ajuda, instituições sociais, em ajudar pessoas de diferentes formas, etc..

A área social é uma área muito vasta. E que muitos dizem que tem que ser por vocação.

O meu percurso profissional tem sido todo na área social. Trabalho para uma organização cristã. Dirijo uma casa que acolhe 14 crianças que foram retiradas do seu ambiente familiar. Paralelamente, trabalho voluntariamente na associação da igreja, que tem 3 principais atividades: o serviço de apoio domiciliário onde cuidamos de 30 idosos, gabinete de rendimento social de inserção que apoia 100 famílias, e um programa de distribuição de alimentos/refeições e roupas a 130 famílias.

As duas experiências têm-me mostrado que:

1 - Trabalhar numa organização cristã não nos faz missionários.

2- Não é a organização que fala de Jesus às pessoas, tal como não são as 4 paredes de uma igreja que falam de Jesus.

3- São as pessoas que falam de Jesus aos outros,

4 - Espalhar a mensagem de Deus faz de nós missionários.

Assim, em tudo o que fazemos, quer o nosso papel seja tratar dos idosos ou crianças, ou seja preparar o estudo bíblico ou o programa evangélico, somos chamados a testemunhar sempre do que Deus fez e faz na nossa vida.

Muitas vezes, quando partilho o meu dia a dia, as pessoas reagem com admiração e louvor. O que importa referir é que mais importante do que aquilo que faço é a forma como o faço.

Parafraçando I Coríntios 13, posso dizer que ainda que eu fizesse as coisas mais espetaculares, se eu não tiver amor de nada servirá.

O amor é o motor e o que dá significado ao que fazemos.

Na Ser Alternativa, associação da Igreja, temos tido a oportunidade de testemunhar de Jesus. Deus tem-nos dado a graça de termos colaboradores e voluntários cristãos destemidos que falam de Jesus. Temos podido ver algumas conversões. A nossa intervenção com as famílias beneficiárias do Rendimento Social de Inserção tem possibilitado que crianças que não vão à igreja participem em eventos evangélicos e onde ensinamos valores cristãos (ex: KidsGames e FamilyGames). Por vezes desanimamos também e pensamos que

gostaríamos de ver mais frutos, mas sabemos que só o Espírito Santo tem o poder de transformar vidas e que o crescimento não depende de nós.

Relativamente ao meu trabalho na Casa de Acolhimento de Crianças, há uns tempos escrevi um texto para o ministério de mulheres da igreja e que passo a citar para finalizar este testemunho.

Quando era criança tive um sonho: ter uma casa de crianças.

Deus concedeu-me esse sonho. Não é minha, mas sou eu que a dirijo.

Comecei como educadora da casa, e atualmente sou a diretora técnica. Faço-o há 5 anos.

Convidaram-me para falar sobre o que é ser mãe numa instituição.

Sorrio e penso que muitas vezes o meu papel é mais o de pai do que o de mãe. O papel de mãe é feito pelas minhas colaboradoras, que os deitam, que tratam deles, que lhes dão banho, que estão no acordar, que os educam e que, quando algo aperta, chamam por mim.

A casa que dirijo é uma casa onde moram 14 crianças, meninos e meninas, dos 0 aos 12 anos. Atualmente o mais pequenino tem 3 meses e o mais velho 12 anos.

Todas elas foram crianças consideradas “em perigo”. Enquanto vivem lá, a equipa técnica deverá ajudar na definição do futuro da criança. Voltará ela para a sua família biológica? Irá ter uma nova família? Continuará numa instituição?

Enquanto procuramos respostas a estas perguntas surge o papel de ser mãe.

A adaptação à nova casa é muitas vezes difícil. Deixamos de estar com aqueles que amamos para aprender a amar novas pessoas. Novos paradigmas têm que ser aprendidos. Afinal quem cuida de mim não me magoa? Está preocupado comigo? Este caminho por vezes também é doloroso. Permitirmos que nos amem!

Ser mãe numa instituição é lidar com muitas crianças. É dar proteção, amor e educação. É ser-se responsável. É ensinar a receber amor: é dizer “tu és muito especial para mim!” É estar lá para ver o primeiro sorriso, o primeiro andar. É estar presente nas vitórias e nas derrotas. É dar um abraço quando choram pela presença da mãe. É ir ao médico com ela. É ir à festa da escola e perceber o sorriso triste porque a mãe não está presente, mas ver o sorriso porque afinal nós estamos presentes. É lidar com algumas birras. É lidar com ansiedades, frustrações, mau estar e sofrimento.

É rir muito. É sorrir muito. É ter a capacidade de os ver entrar e sair e lidar com o misto de sentimentos de alegria e dor. Alegria pelo futuro que lhes reserva. Dor pela saudade que já deixaram. É confortar quem fica (as outras crianças) pelos amigos que já foram embora.

Por vezes, pedem-nos para sermos sua mãe. Aí, é ensinar a confiar que irão ter uma mãe.

Ser mãe numa instituição tem muitas lutas. Momentos de muito desgaste. Mas também momentos que nos enchem o coração.

Enquanto profissional numa casa de acolhimento, posso dizer que mais que uma mãe biológica, as crianças anseiam por viver e saber que pertencem a alguém.

Podemos ajudar a que haja menos crianças em risco? Podemos ajudar a que haja menos pessoas sozinhas na sociedade? Sim, podemos!

Podemos olhar para o nosso amigo, vizinho, familiar e perguntar e/ou perceber se precisa de ajuda para cuidar dos seus filhos.

A Bíblia diz:

“Conhecemos o amor nisto: que Ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos.

Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” 1 João 3:16-17. Muitas das famílias que nos chegam, são famílias desamparadas, sem suporte familiar ou social.

Enquanto igreja, enquanto família, os nossos braços têm que ter a capacidade de abraçar além fronteiras. Não nos esqueçamos que somos filhos herdeiros de Deus, com a particularidade de termos sido adotados!

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus.

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.

O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” Romanos 8:14-16

Da mesma forma que Deus nos adotou, é importante adotarmos as pessoas à nossa volta. Não ficar à espera que venham até nós pedir ajuda, mas fazermos como Deus e irmos ter com as pessoas. É nosso dever espalhar aquilo que Deus nos dá. É nosso dever obedecer Àquele que nos adotou.



“O QUE CANTAMOS NOS NOSSOS CULTOS?”

CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES PARA MELHORAR

por John Fletcher escrito segundo a antiga ortografia

PARTE 3 APRESENTAÇÃO E EXECUÇÃO, PRINCÍPIOS IMPORTANTES

ÍNDICE

CONCLUINDO ESTA SEQUÊNCIA DE ARTIGOS presentes nas últimas dez edições do Refrigério, e esperando que o seu conteúdo tenha sido útil para reflexão sobre o que cantamos nos nossos cultos, me despeço com algumas sugestões práticas e alguns princípios importantes. Segue abaixo o índice anotado desta sequência de artigos.

- Intro -“Cantai-lhe um cântico novo, tocai bem e com júbilo”publicado no nº 153
- Breve enquadramento históricopublicado no nº 154
- Os termos: Salmos, Paráfrases, Hinos e “Coros” publicado no nº 155
- Para que têm servido os cânticospublicado no nº 156
- O que cantamos e como cantamos hoje
 - parte 1 - O que tem sido usado ao longo do tempopublicado no nº 157
 - parte 2 - O que cantamospublicado no nº 158
 - parte 3 - Como cantamos publicado no nº 159
- Considerações e sugestões para melhorar
 - parte 1 - Conteúdos, novas composições, rentabilização das vozes, traduções e adaptações publicado no nº 160
 - parte 2 - Silêncio e meditação, espírito crítico construtivo, cultura musical, património, projeções e impressões publicado no nº 161
 - parte 3 - Apresentação e execução, princípios importantes publicado neste nº

Apresento de seguida um conjunto de sugestões para melhorar também a execução e apresentação da música nos cultos. E, porque boas composições não são o suficiente se não forem acompanhadas de uma boa interpretação, gostaria de encorajar *aos que desempenham cargos de responsabilidade relacionados com música na Igreja, a procurarem conhecer mais sobre as práticas aplicadas no passado, quais as suas razões de ser, quais foram abandonadas ou preservadas, e porquê. E também, a desenvolver as suas competências musicais, juntamente com o entendimento na contextualização da música e textos aplicados.*

Para que a execução dos cânticos seja aperfeiçoada convém ter em conta que as congregações cantam sempre os primeiros cânticos sem aquecimento vocal, e na melhor das hipóteses, depois de cantar algum tempo o aquecimento é feito no processo.

Por isso convém começar por cantar repertório menos exigente do ponto de vista vocal, no início do culto, e se os músicos que acompanham conseguirem, é benéfico transpor alguns cânticos para tonalidades mais confortáveis quando cantados com vozes não aquecidas. Ainda sobre as tonalidades seria conveniente que os músicos se habituassem a tocar em todas as tonalidades, para que o critério de escolha das tonalidades para os cânticos fosse o que melhor se adequa à congregação e não o que dá mais jeito tocar. Pois deveriam ser os músicos a acompanhar a congregação e não o inverso.

Outro aspeto, mencionado no artigo anterior, que contribui para melhorar a execução é dedicar algum tempo à aprendizagem de cânticos. Havendo esse tempo é bom que seja no início do culto ou mesmo antes de começar, pois também contribui para o aquecimento vocal.

Para não dificultar a técnica vocal é conveniente continuar a cultivar o hábito de cantar de pé.

Outro aspeto que convém implementar e cultivar é a utilização de contrastes quando cantamos, isto é, cantar com variedade dinâmica (*forte, piano, crescendo, diminuendo*), de articulações (*stacato, legato, etc...*), assim como de caráter, e timbre. Para que isto seja possível é necessário que o/os dirigente/s da congregação cultivem uma boa comunicação com a congregação, com clareza no conteúdo e na forma de transmissão. E se necessário, recorrer a pessoas diferentes para dirigir o culto e para dirigir especificamente os cânticos.

Também seria bom haver uma maior variedade instrumental a acompanhar a congregação. E devido à interiorização de conceitos, referido há dois artigos atrás, incentivo os instrumentistas a cantarem enquanto tocam, a não ser que o instrumento que tocam os impossibilite de usar a boca para cantar.

A utilização de gestos e “coreografias” em alguns cânticos é também algo a cultivar, pois são muito apreciados pelas crianças e úteis para elas e não só.

Considero também importante que preserve-mos o canto congregacional e a sonoridade das vozes da congregação. Para isso é importante que o volume sonoro das aparelhagens utilizadas durante o canto congregacional, seja mantido num nível que permita a congregação ser ouvida e ouvir-se a si própria a cantar. Dando assim à congregação destaque e um papel principal no som produzido. Pois se cada membro sentir que a sua voz contribui para o todo, mais facilmente será moti-

¹ As partes em itálico, que não se encontram entre parêntesis, são citação das páginas 126 a 128 de “A prática musical nas comunidades protestantes em Lisboa entre 1945 e 1965” disponível em HYPERLINK “<http://www.johnfletcher.info>” www.johnfletcher.info

vado a participar cantando, e uma vez cantando com entusiasmo influenciará outros também.

Para concluir gostaria de mencionar mais alguns princípios que considero importantes e que devemos ter presentes.

A palavra de Deus é mais importante que a nossa (nisto estamos todos de acordo). No entanto notemos o que tem acontecido com os cânticos. Em tempos a música tinha um papel de preparação da congregação para receber a mensagem pregada. Estendeu-se o tempo de cânticos ao ponto de por vezes ter o efeito contrário (cansar de forma a não estarmos prontos para receber a mensagem pregada que vem depois) e também foi gradualmente substituído o conteúdo dos cânticos constituindo menos palavra de Deus e mais palavra dos autores. Se não estivermos atentos a estas subtis alterações corremos o risco de nos afastarmos dos objetivos. Por isso considero importante ser dada atenção ao tempo de culto utilizado com cânticos, e tanto na preparação como na direção dos cultos termos sempre presentes os princípios e objetivos do canto congregacional. E não sobrevalorizar a música, encará-la como uma ferramenta que pode ser usada por nós e por Deus e não como se ela em si tivesse algum poder espiritual independente.

O termo “Grupo de Louvor” entrou na gíria dos evangélicos devido à importância que tem sido dada à música no louvor e adoração, mas apesar de óbvio gostaria de mencionar que o verdadeiro grupo de louvor é o conjunto de fiéis membros da Igreja unidos louvando, e que o chamado “Tempo de Louvor” deve ter presente diferentes formas de expressão e não só música.

Como referido no artigo da edição nº 158 do Refrigério: “As músicas que usamos têm maioritariamente uma funcionalidade imediata (por vezes até comercial) e por norma pouca elaboração e profundidade musical.” Devido aos objetivos do canto congregacional, creio que aspetos de funcionalidade sempre estarão presentes neste tipo de repertório, mas creio que se a componente artística de aplicação e tratamento de conteúdos for mais cultivada, especialmente na composição e elaboração de músicas e letras, mas também na sua execução, o património de

novos cânticos poderá tornar-se mais valioso, e ter um impacto maior na sua geração e nas futuras, tanto dentro como fora da Igreja.

Apesar da relevância do canto congregacional, considero benéfico para Igreja e também para a sociedade em geral, aplicarmos música com outros objetivos como por exemplo: instrumental, solos, acompanhamentos, e projetos destinados a serem ouvidos por pessoas de fora de Igreja, mas encará-los assumidamente como tal. Isto é, a Igreja assumidamente desenvolver e produzir projetos de alta qualidade musical e poética, e assim influenciar e deixar uma marca na opinião pública. Graças a Deus há trabalhos deste género que podem ser mencionados atualmente, nomeio apenas um exemplo, como a Sara Tavares conseguiu pôr muita gente a

cantar verdades do Salmo 139. Para alcançar este fim é necessário ter muito tato, pois muitas vezes os projetos de caris cristão afugentam o público não cristão por falta de sensibilidade para com os conceitos e preconceitos dos ouvintes não cristãos.

Depois de pensar sobre estas temáticas concluo que é conveniente promover uma maior coerência entre a relevância dada à música e a importância do seu papel na Igreja.

E porque noto que muitas vezes confundimos os conceitos Gosto/Não Gosto com Bom/Mau, sugiro o resumo abaixo em forma de lista, para verificarmos se um cântico é bom ou não, independentemente de se gostamos ou não. Pois tal como na comida, muitas vezes o que mais gostamos de comer não é o mais saudável.

CARACTERÍSTICAS PARA AVALIAÇÃO E CONTROLO DE QUALIDADE DOS CÂNTICOS

BOM CÂNTICO

aspetos a preservar e cultivar

Em relação ao texto

Correção teológica

Temas apresentados e desenvolvidos de forma clara

Profundidade no tratamento do/s conteúdo/s temático/s do texto

Correção gramatical

Tratamento artístico do texto

Em relação à música

Acompanhar e realçar o significado e intensidade dramática do texto

Respeitar a pontuação e acentuações silábicas do texto

Profundidade no tratamento do/s conteúdo/s musicais

Tratamento artístico dos conteúdos musicais

Adequação ao fim a que é proposto

MAU CÂNTICO

aspetos a evitar e abandonar

Em relação ao texto

Erro ou imprecisão teológica

Temas apresentados e desenvolvidos de forma ambígua

Superficialidade no tratamento do/s conteúdo/s temático/s do texto

Erros gramaticais

Tratamento artístico do texto que confunda a compreensão

Em relação à música

Não haver ligação entre a música e o significado e intensidade dramática do texto

Acentuações, respirações e frases musicais não coincidirem nem respeitarem a pontuação e acentuações silábicas do texto

Superficialidade no tratamento do/s conteúdo/s musicais

Falta de tratamento artístico dos conteúdos musicais

Inadequação ao fim a que é proposto

E a todos os que lidam com a música, procuremos a excelência sem perder o foco:

“Cantai-lhe um cântico Novo; tocai bem e com júbilo” (Salmo 33,3). 

A PENA DO JÓ
crónica de
Jorge Oliveira

SER BARRO NOS OLHOS CEGOS

UM DESTES DIAS LEVANTEI-ME da cama do meu quarto e, sem acender a luz do candeeiro, fui em direcção à porta. Estava muito escuro. Esperando tactear a porta, toquei na parede fria. Por breves instantes experimentei aquela sensação horrível de desorientação, que imagino ser semelhante à cegueira. Avancei apressado para a porta, mas como estava entreaberta, bati em cheio com a cabeça na esquina da mesma. Embora "cego" pela escuridão, vi imensas estrelas. O "galo" cantou na minha cabeça durante mais de três dias.

A cegueira é uma coisa horrível. O sexto milagre narrado no Evangelho de João (João 9) é a cura de um cego de nascença. Este sinal tem uma estranheza ainda maior que a estranheza própria dos milagres. Jesus cuspiu na terra e com esse barro tapou os olhos de um cego.

"Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" Perguntaram os discípulos a Jesus. O pensamento judaico era dominado pela lei da retaliação – se alguém está a sofrer é porque está a pagar pelo mal que fez. Infelizmente, esta mentalidade ainda persiste hoje em muitos cristãos (evangélicos também). A chamada Teologia da Prosperidade, por exemplo, ensina erradamente que todas as doenças e toda a pobreza são causadas pelo diabo ou pelo pecado pessoal. Para "conquistar" a libertação é preciso realizar um esforçado exorcismo (e pagar díizimos dobrados). Quando ela não acontece é porque falta fé (e "trízimos"!).

Não há dúvida que o pecado é o maior problema da humanidade. É por causa dele que as pessoas são condenadas eternamente. É verdade também que há doenças, sofrimentos e adversidades que são consequências directas do pecado, das más escolhas e atitudes das pessoas (1 Co 11:30; Tg 5:15). Mas com este milagre de Jesus (e outras passagens bíblicas), concluímos que nem todas as doenças procedem directamente do pecado pessoal ou familiar. Jesus esclareceu que aquela cegueira não era causada pelo pecado do cego, nem por causa dos seus pais, antes, iria servir para manifestação das obras de Deus e para a salvação daquele homem

(João 9:3). Há "males" na nossa vida que servem para o Bem. Porque é que Jesus cuspiu na terra e colocou aquele barro nos olhos do cego? Não sei. Por mais "estranhos" que pareçam os métodos divinos, são sempre os melhores. Jesus tinha uma forma peculiar, até extravagante, para realizar os seus intentos. Ele desmontou os paradigmas religiosos estabelecidos na sua época. Abraçou e curou leprosos, valorizou as crianças, as mulheres, comeu com os desprezados e proscritos. Amou os pecadores. Nós, cristãos do século XXI, temos tanto a aprender com este amor pragmático evidenciado por Jesus.

Aquele barro era uma metáfora ao processo criador de Deus na formação do homem com o pó da terra (Gn 2:7). O símbolo da mescla perfeita entre o divino e humano. Calvino sugere que Jesus tapou com barro os olhos cegos do homem para intensificar ainda mais o milagre. O cego precisava ser ainda mais cego para que o Sinal da glória de Deus fosse inequívoco.

Jesus mandou o cego lavar os olhos barrentos no tanque de Siloé (v. 7). Este tanque era o teste real da fé e obediência para aquele homem. Ao contrário de Naamã, o chefe do Rei da Síria (2 Reis 5), o cego não questionou a ordem e a estranheza dos métodos divinos. Foi e lavou-se. Quando se lavou, começou a ver. A seguir, Jesus foi ao seu encontro. Quando viu e percebeu quem era Jesus, o ex-cego creu nele e adorou-O. "Ali estava a luz verdadeira, que alumina a todo homem que vem ao mundo". Somente Jesus ilumina, perdoa e salva.

Este milagre provocou algumas reacções. Os pais do cego ficaram com medo dos judeus porque temiam ser excluídos e desprezados. Os líderes religiosos encheram-se de profunda inveja e ódio contra Jesus. "O pior cego é o que não quer ver".

Deus também quer clarificar a nossa visão espiritual. Nunca desistamos de crer no portentoso poder do Senhor Jesus. Um crente que não acredita que Deus pode mudar qualquer pessoa, não é crente, é cego. Que Jesus remova as escamas da nossa incredulidade. Sejamos nós o barro nas suas mãos para Ele continuar a dar vista aos cegos deste mundo. 🌾

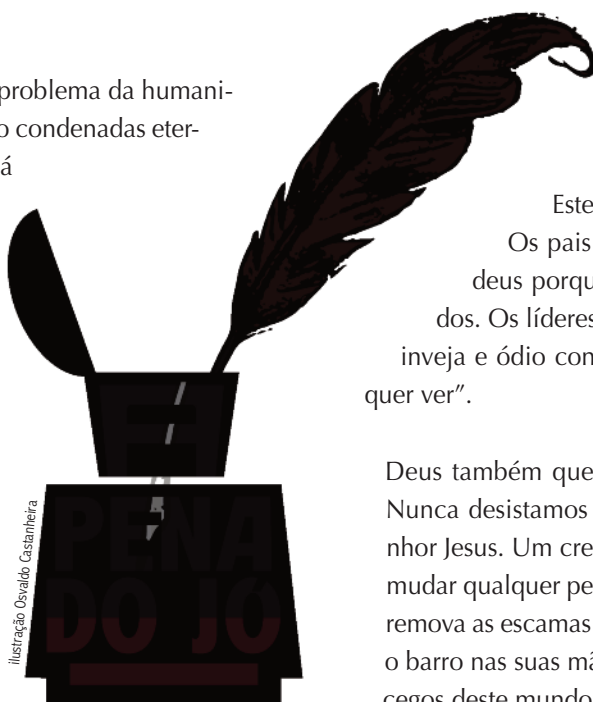


ilustração Osvaldo Castanheira

Learning God's Language,
page 271, from GOD ON MUTE
of Pete Greig.

Tradução de Ana Maria Lacerda,
adaptação de Carlos M.A.C. Lacerda.

APRENDENDO A LINGUAGEM DE DEUS

CRISTO EM VÓS, A ESPERANÇA DA GLÓRIA". Foi isso que Paulo disse aos crentes em Colossenses 1.27. Às vezes o único lugar em que podemos encontrar a esperança da glória é uns nos outros. Não na oração, não na Bíblia, não na adoração, mas na comunidade. Um rabi do século XX Menachem Mendel de Rymanov disse que "os seres humanos são a linguagem de Deus". Por outras palavras, Deus fala-nos também através das pessoas. Deus fala-nos através dos médicos e enfermeiras que se esforçam por nos tratarem e ajudarem, dos nossos filhos que nos pedem que lhes contemos uma história antes de adormecerem, dos nossos amigos que sabem como nos fazer rir ou quando permanecer em silêncio, e através do pregador na igreja, do documentário na televisão ou da canção na rádio. Ficamos à espera que a voz de Deus seja inconfundível, uma revelação retumbante ou um insistente sussurro interior. Mas para aqueles que tenham ouvidos para ouvir, a forma mais eloquente que Ele tem de falar é através das ações comuns de pessoas comuns, involuntárias. Uma manhã, seguida duma noite traumática em que a Joana tinha sido levada à pressa para o hospital, eu descí as escadas entorpecido para dar o pequeno-almoço aos miúdos. Enquanto lhes preparava os cereais, eu refletia miseravelmente sobre o facto de a Joana ultimamente ter desfrutado um período calmo com poucas convulsões, razão pela qual acordar no hospital naquela manhã teria, parece-me, parecido difícil de aceitar. Os paramédicos tinham chegado depois da meia-noite e levado a Joana facilmente para a ambulância e não sei como é que o Marcos e o Tito não tinham acordado. Pois aqui estavam eles agora, sorvendo o seu Nesquik sentados ainda à mesa na cozinha, desconhecedores do facto que a mãe não estava lá em cima no quarto deitada, mas antes no hospital do outro lado da vila. "Bom, vamos embora", disse eu, olhando para o relógio. "Está na hora da escola", disse ao Marcos. "Creche para ti", disse ao Tito, tirando-o da cadeira; e hospital para mim", pensei. O que é que eu poderia dizer à Joana para a ajudar a sentir-se menos deprimida e assustada? Rendendo-me ao monstro do tic-tac, corri atrás dos miúdos entre risotas pelo corredor fora e até ao carro, quase chocando com o carteiro que estava à porta. "Eh, obrigada", disse, recebendo as cartas antes de atar os cintos de segurança dos meninos. Ao fazê-lo reparei que o cabelo do Tito estava todo em pé como se ele fosse um orangotango electrocutado. Por momentos diverti-me com a ideia de voltar e escovar-lhe o cabelo mas logo percebi que ninguém se iria incomodar. Afinal de contas, se não te podes parecer com um orangotango quando tens dois anos, quando é que podes? Depois de deixar os miúdos, fui até ao hospital, onde encontrei a Joana numa ala com outros seis seniores. O aroma particular do pequeno-al-



foto Carlos Lacerda

moço de hospital ainda pairava no ar. "Bom dia", disse eu suavemente ao me inclinar sobre a Joana para a beijar na testa. Eu normalmente não beijo testas, mas por qualquer razão pareceu-me o alvo apropriado tendo aquela audiência.

Eu não sou nada bom ouvinte. Quando as pessoas vêm partilhar comigo os problemas delas, eu invariavelmente tento encontrar soluções. As únicas palavras de empatia que me vêm à cabeça são clichés ridículos como "Tenho a certeza que te sentirás melhor depois duma boa noite de sono".

Às vezes ouço-me dizer "Ah, eu sei exatamente como tu te sentes, ou deves sentir!", quando na verdade não faço a mínima ideia como a pessoa se sente e sinceramente preferia não descobrir. Ocasionalmente respondo a uma história de grande aflição abanando a cabeça simpaticamente e dizendo "Lamento muito", ou também do mesmo modo quando não tenho culpa que a pessoa que me aborda tenha chumbado o exame da carta de condução pela décima terceira vez, ou que o avô tenha desenvolvido disenteria quanto acampou à beira do rio.

Procurando arrastar o tempo, dei a correspondência à Joana, e foi aí que Deus interveio e falou com ela. O primeiro envelope que ela abriu era nada mais nada menos que palavras, ouro sobre azul, amostra genuína, palavras providenciadas por Jesus, "a Palavra de Deus". Tratava-se dum postal assinado por, pelo menos, 30 membros duma igreja em Bragança, a assegurar-nos de múltiplas formas do seu contínuo amor e orações. A chegada daquele postal, naquele preciso momento, falava-nos eloquentemente acerca da preocupação e até da presença de Deus conosco

naquela manhã desabrigada naquela ala do hospital. João Timóteo, o líder de alma cheia, por detrás daquele cartão inesperado, disse-me mais tarde que ele simplesmente se tinha sentido guiado a enviá-lo no Domingo anterior, bastantes dias antes de a Joana ser hospitalizada. Não foi difícil ver a mão de Deus no momento em que o postal chegou ou ver o Seu amor expresso nos bonecos, nas passagens bíblicas ou na tinta arrastada. Aqueles gatafunhos eram a linguagem de Deus e tinham-nos sido enviados quando precisávamos de encorajamento e esperança.

Comentário:

No versículo Isaías 63:1, Deus declara que fala, e que quando fala, o faz com retidão. Podemos sempre depender do que Deus diz, sabendo o que é certo. Contudo O Senhor fala conosco de muitas maneiras, que incluem, mas não se limitam por meio da Sua Palavra que a Bíblia chama de "uma voz mansa e suave"; pelas manifestações da sua criação, a natureza; por meio das pessoas e através das circunstâncias, pela intervenção sobrenatural de sonhos, visões, e do que alguns chamam de "testemunho interior", que é bem descrito como uma "certeza" dentro do nosso coração.

CONFERÊNCIA EURASIA – MOVIMENTO LAUSANNE

“Levar o Reino de Deus a cada local de Trabalho”

De 8 a 10 de Abril de 2016 decorreu a Conferência Europe - Eurasia em Budapeste – Hungria organizada em parceria WEA – The Lausanne Movement sob a temática «Levar o Reino de Deus a cada local de trabalho». O Comité Lausanne de Portugal e a AEP estiveram presentes, através do casal Paulo e Andrea Ramos (empresário e professora de Educação Moral e Religiosa Evangélica) e do advogado Tiago Aragão.

Estavam representantes de cerca de 20 países europeus (e alguns outros países) para delinear estratégias de evangelização no local de trabalho e refletir sobre dificuldades que surgem no processo, bem como procura de soluções conjuntas. Profissionais de distintas áreas, alguns envolvidos em ministérios de longo alcance, trouxeram-nos uma panóplia de ideias, que nos desafiam a «criar um ambiente onde Jesus pode bater aos corações».

Nas sessões plenárias houve tempo de louvar e breves reflexões Bíblicas. Sucederam-se diversas apresentações, tendo os oradores revelado a sua experiência profissional e determinadas circunstâncias em que lhes foi oportuno falar de Deus aos colegas de trabalho. Porque efetivamente, como foi escutado «não se pode esconder o Cristianismo». Remetemo-nos de seguida para algumas apresentações.

Timo Plutschinski vive em Hamburgo / Alemanha, gere o Business Coalition da Aliança Evangélica Mundial, para além de outras funções e publicou o livro «Office with a Purpose - Faith in Daily Business Life». Numa das suas reflexões, falou-nos que, como cristãos devemos levar a mensagem original, a mensagem de Cristo, pois esta transforma sociedades. Acrescentou que o trabalho pode ser uma missão e que devemos ser luz, impactar onde estivermos.

Arleen Westerhof referiu que «Deus não está em crise» e que necessitamos de pedir sabedoria a Deus, pois há muitas oportunidades no mercado. Falou também nos refugiados e que a nossa postura deverá ser amá-los e integrá-los, tendo Deus trazido até nós estas pessoas.

Dr Jany Haddad, cirurgião oncológico/endócrino, fundou e serve como Presidente da Living Hope for Families Ministry, Ministério no Líbano. É pastor da Igreja Evangélica Baptista em Aleppo. Como orador referiu-se a esta cidade da Síria, explicando a gravidade da situação no país, a questão dos 6 milhões de refugiados, a falta de eletricidade e de água, mostrou fotos da destruição, mencionou que 98 igrejas foram arruinadas e como Deus o tem ajudado no trabalho evangelístico juntando 14 denominações as quais reúnem mensalmente no propósito de discutir estratégias de reconstrução das comunidades cristãs. Tem desenvolvido junto das pessoas pequenos projetos de distribuição de comida/água, grupos de estudo da Bíblia, discipulado, batismos, um centro médico, doação de sangue, entre outros.

Monika Meltzerova, Business Operations director in aglobal IT company. Serve desde 2007 no Conselho Nacional de ministry astudent, membro da Sociedade Internacional de Estudantes Evangélicos. Deixou uma pergunta retórica: «Somos pessoas de serviço ou de serviço próprio?» (Serviço próprio = estar OK sem ninguém e estar OK sem Deus = trabalho secular). Se somos pessoas livres em Deus, devemos estar no local de trabalho segundo O Seu Plano e não segundo ambições pessoais, assim, decerto estaremos livres da pressão. Segundo ela, o grande desafio, no local de trabalho é não dar respostas religiosas ou genéricas, admitir os próprios erros (o que pode ser poderoso), ser íntegro e autêntico sem usar «máscaras», .

Anne Marie apresentou um estudo realizado em França, segundo o tópico: «Qual o teu propósito no teu local de trabalho?». Mencionou a importância dos trabalhadores cristãos

evangélicos definirem um local para orar, entre outros.

Steinar Opheim é jornalista e ex-missionário no Azerbaijão, desde 2000 vive na Noruega e tem desenvolvido o projeto missionário Tent. Durante a sua apresentação abordou João 1:14 e 10:10 dando o enfoque ao relacionamento pessoal com Deus, pois nas suas palavras, «se tens uma experiência com Cristo, tu queres partilhá-lo». No seu ponto de vista, o trabalho não está separado de Deus, devemos ser por isso, 100% embaixadores.

Willy Kotiuga (EUA) questionou a assistência se «estamos a levar o amor de Cristo aos outros?». Abordou questões de liderança das igrejas evangélicas, como eliminar um buraco existente – ação nas igrejas e inação no local de trabalho. Segundo este, há que treinar os pastores para abordarem o tema nas igrejas, junto dos trabalhadores.

Joaquín Hernandez aludiu a «Missão no local de trabalho em Espanha», pelo que veio revelar um exemplo de grupos profissionais, docentes, psicólogos, economistas, enfermeiros, médicos, da área do direito e das ciências, que se unem em torno do trabalho evangelístico, promovendo encontros, conferências e fóruns, web e diversas publicações. No sábado pela tarde, os participantes visitaram a cidade de Budapeste, acompanhados por um guia evangélico. Num hotel da cidade, houve uma sessão temática com a participação de Mark Greene, que foi Diretor Executivo no Instituto de Londres do cristianismo contemporâneo e serviu como vice-diretor da London School of Theology. Este pretende ver o povo de Deus frutífero no local de trabalho, está comprometido em ver as igrejas locais a discipular o povo de Deus para qualquer contexto. Já no domingo, a assistência foi dividida por três grupos, norte, leste e sul da Europa, a fim de perceber dificuldades na sociedade global e também no local de trabalho. Depois, tentou-se abranger quais os aspetos positivos ao nível das igrejas evangélicas. E no final, cada grupo apresentou as suas conclusões.

Esta foi para nós uma experiência enriquecedora, na medida em que percebemos outras realidades, especialmente na Europa, o trabalho evangelístico que está a ser desenvolvido e pudemos partilhar opiniões. Hoje, é precisamente no âmbito do trabalho secular onde crentes passam mais tempo, o que lhes permite conviver com não crentes e onde são criadas relações que abrem espaço para levar o Evangelho a tais pessoas.

Andrea Ramos (professora COMACEP) / Paulo Ramos (Empresário)

“Através da adaptação da Parábola das Macieiras que corresponde à secção introdutória do Livro Plantação Global de Igrejas, de Craig Ott & Gene Wilson, defini a missão enquanto transformação da actividade profissional em campo missionário. Creio que o propósito de Deus para a vida do profissional, é utilizar as habilidades e recursos para O servir. Este é, sem dúvida, um enorme desafio, sendo o prosseguimento do mesmo o resultado da intimidade com Deus, da permanência na dependência honesta e humilde de Deus. Esta relação de proximidade com Deus fornece clareza e foco quanto à prioridade sobre o cumprimento dos princípios bíblicos – adoração, discipulado, ministério, evangelismo e comunhão.

Partindo desse quadro de referência, dei uma perspetiva geral do contexto português (história, estatísticas sobre os cristãos, comunidades evangélicas e mentalidades culturais) e descreverei a minha participação neste projecto difícil e apaixonado, nesta missão integral, dando alguns testemunhos sobre o meu trabalho a nível local e nacional enquanto fazedor de tendas. “

Quanto ao trabalho realizado de análise da realidade na Europa, relativamente à situação social, profissional e da igreja, reunimos com o grupo do sul da Europa e saíram conclusões muito interessantes”



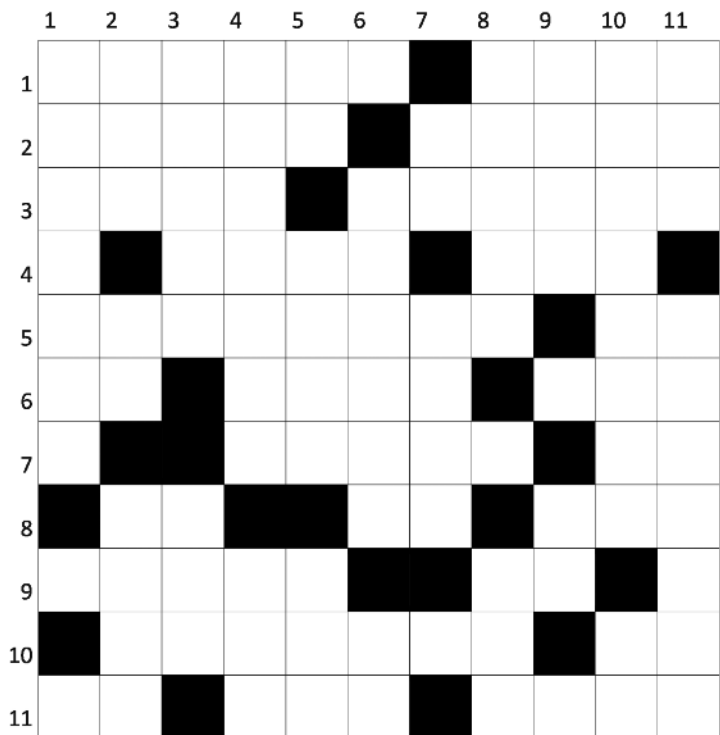
Tiago Aragão (Advogado)



PALAVRAS CRUZADAS

por José Lacerda

Caro leitor(a), convido-o(a) a fazer uma viagem pela sua Bíblia, para resolver estas "cruzadas". Avalie os seus conhecimentos e ...divirta-se!



De acordo com a "A Bíblia" traduzida em português por João Ferreira de Almeida – edição revista e corrigida na grafia simplificada - 25ª impressão editada pela Imprensa Bíblica Brasileira (Rio de Janeiro - 1972) **Soluções no próximo número.**

HORIZONTAIS: **1.** Aquele que luta com Deus; vestuário composto por mais de uma peça. **2.** O que a fé deu ao homem coxo, que pedia esmola à porta do templo (Actos 3); vapor denso e frio que obscurece a atmosfera (inv.º). **3.** Adiciona; nome que o Senhor deu às águas que brotaram da rocha, ferida com a vara de Moisés. **4.** O número de estrelas que se inclinavam a José, no segundo sonho que contou aos seus irmãos; que te pertence. **5.** Leve a carga; hospedou dois anjos. **6.** Exclamação usada para designar amaldiçoado, condenado; fundador do Império Persa, tomou Babilónia e ficou senhor de toda a Ásia Ocidental (inv.º); para o Senhor, 1 dia é como este número de anos. **7.** Nome de um dos israelitas, filho de Nebo, que tinha mulher estrangeira (Esdras 10); abreviatura do nome de um profeta, que viveu nos tempos de Uzias e Jeroboão. **8.** Fiz o mesmo que Abraão fez, quando o Senhor lhe anunciou o nascimento de Isaque; iniciais do artifice que trabalha com o barro; cidade de Judá - Josué 15 (inv.º). **9.** Ilha do Mediterrâneo, onde chegaram a salvo os náufragos do navio que levava Paulo para Itália; iniciais de livro do V.T. **10.** Primeiro destinatário do Evangelho segundo S. Lucas e do livro dos Actos dos apóstolos; a principal cidade dos Moabitas (Números 21). **11.** Matéria-prima dos seres vivos; pai de Husim, da tribo de Benjamim (I Crónicas 7); dificilmente entrará no reino de Deus.

VERTICAIS: **1.** Nome de uma das doze tribos de Israel. **2.** O que não precisa de médico; nome da segunda cidade conquistada pelos israelitas, determinante na ocupação de Canaã; mamífero roedor da lista dos animais que se não devem comer (Levítico 11). **3.** Murmúrio de vozes; Sumo sacerdote e Juiz sobre Israel durante 40 anos (inv.º). **4.** Marcha que se faz num dia (inv.º); nome de um antepassado de Samuel (I Crónicas 6:34). **5.** Vogal repetida; o etíope vencido por Asa; unidade de medida correspondente a 35 litros aproximadamente (inv.º). **6.** Lugar onde foi morto o rei Josias pelo Faraó-Neco (II Reis 23); pôr-se em movimento dum lugar para outro. **7.** Vogais de madre; um dos destinatários das palavras de Agur (Provérbios 30). **8.** No 'enigma de Sansão' dele saiu doçura; propriedade dos corpos que produz sensações visuais. **9.** O que o cão faz, quando emite um som prolongado e lamentoso (inv.º); nome do fluido que respiramos. **10.** Porteiro, da linha de Merari, no tempo de Davi (I Crónicas 26); antes de Cristo. **11.** Filho de Judá, que morreu na terra de Canaã (Génesis 46); grande árvore frondosa, do género das ulmáceas.

HUMOR

PRIORIDADES DE MUITAS IGREJAS

IRMAOS ESTE ANO TEREMOS SHOW GOSPEL, ENCONTRO DE CASAIS, CANTORES E PREGADORES FAMOSOS NOS VISITARAOS, DESFILE GOSPEL E VIAJAREMOS PARA ISRAEL A TERRA SANTA DE JESUS ALELUIAAAAA

QUE PENA NÃO HAVER CULTO MISSIONÁRIO NA NOSSA IGREJA



Um das Barreiras para Missões: Cultura Individualista

Assim sobra mais para mim...

Irmãos não devemos nos preocupar com os Missionarios, Eles vivem pela Fé...



O pastor estava a dirigir uma campanha de evangelização, e ficou em frente à igreja a convidar os transeuntes para entrar e participar do culto. De repente, passou por ali um homem e o pastor fez-lhe o convite:

- Venha, amigo, fazer parte do exército de Deus!

Ao que o homem respondeu: - Eu já faço parte dele!

O pastor, apanhado de surpresa, perguntou: -Porque, então, nunca o vi na igreja?

E o homem: - Porque pertenço ao serviço secreto.

Um menino estava a fazer traquinices durante o culto da manhã. Os seus pais tentavam fazer com que ele parasse, mas o miúdo estava a levar a melhor. Finalmente, o pai pegou o menino pelo braço e conduziu-o, decididamente, para fora da igreja. Pouco antes de chegar à saída, o pequenino olhou para trás e falou bem alto para a congregação:

- Orem por mim, irmãos! Orem por mim!

SOLUÇÕES Nº ANTERIOR

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	A	D	I	M	Z	I	P	O	R	A
2	D	E	D	A	A	N	U	B	E	
3	I	R	O	M	R	A	A	O	C	
4	E	B	O	F	E	L	T	O	A	
5	L	E	M	T	I	M	E	U		
6	F	E	A	E	V	A				
7	I	M	E	O	N	N	E	I	E	L
8	I	B	E	R	A	D	J			
9	S	I	I	V	O	A	V	A		
10	J	I	D	L	A	F	E	D	I	V
11	O	A	C	S	I	L	O	E	A	

IBP ORGANIZA I CONFERÊNCIA “A BÍBLIA ENTRE NÓS”



a BÍBLIA entre NÓS
CICLO DE DEZ CONFERÊNCIAS 2016 - 2025

SERMÃO DO MONTE

1ª CONFERÊNCIA - A BÍBLIA ENTRE NÓS

29 SET 30 SET 01 OUT

O conteúdo das exposições bíblicas foi preparado pelos Professores do IBP, tendo aprofundado a interpretação e a exegese dos textos originais ao longo do ano letivo.

Exposições Bíblicas pelos professores
Debates com convidados externos | Músicas de Louvor
Workshops criativos | Testemunhos de Fé

Como resultado desse trabalho oferecemos à comunidade cristã a primeira conferência de um ciclo de dez (2016-2025) - A BÍBLIA ENTRE NÓS.

IBP-AEE
IBP - ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DE EDUCAÇÃO

IBP - INSTITUTO BÍBLICO PORTUGUÊS - T. 219 749 047
R. Castelo Pileão n.º 13, 2660-144 Santo Antão do Tojal

WWW.IBP-AEE.ORG IBP@IBP-AEE.ORG

O Instituto Bíblico Português, existe há mais de 40 anos e na caminhada de edificação da Obra do Senhor, prepara-se para iniciar um ciclo de 10 conferências anuais, “A BÍBLIA ENTRE NÓS”. A primeira terá início já este ano, nos dias 29, 30 de setembro e 1 de outubro, com o tema, O SERMÃO DO MONTE. Esta será uma oportunidade de aprofundar um dos ensinamentos mais conhecidos de Jesus, com base no texto de Mateus 5 a 7.

O programa da Conferência enfatizará as exposições bíblicas, com ênfase na interpretação e na exegese dos textos originais, estudados por um grupo de professores da faculdade. Haverá também um tempo para louvor: com músicas criadas em especial para esta temática, entre outras, testemunhos, workshops e debates com convidados diversificados e de referência da comunidade evangélica.

Lembramos que o IBP valoriza as Escrituras e a interpretação bíblica, tendo em especial atenção a sua aplicação contemporânea. Por isso, criamos esta conferência a pensar na comunidade evangélica, procurando que este ministério possa ser instrumento de edificação na vida do cristão. Para mais informações consulte o nosso site www.ibp-ae.org, página de facebook www.facebook.com/ibp.aee, ou através do e-mail ibp@ibp-ae.org

“O IBP existe para equipar, em colaboração com as igrejas, os servos de Deus, para efetivamente exercerem e multiplicarem os seus ministérios em prol da extensão do Reino”

CURSO DE CAPELANIA EVANGÉLICA PARA FORÇAS ARMADAS E FORÇAS DE SEGURANÇA



Foi realizada uma formação em Capelania Evangélica para Forças Armadas e Forças de Segurança, de 7 a 12 de março de 2016, diariamente das 09H00 às 17H30, nas instalações da Fundação O Século. Esta atividade foi organizada pelos Militares Evangélicos de Portugal (MEP) e pela International Association of Evangelical Chaplains (IAEC). Do IAEC estiveram quatro formadores: dois capelães militares americanos, um general e um coronel, todos reformados.

A lei portuguesa permite que haja Capelania Evangélica nas Forças Armadas e Forças de Segurança e a implementação da mesma foi solicitada aos Ministérios da Defesa e da Administração Interna, em Dezembro de 2014, embora a decisão política ainda não tenha sido tomada. Esta oportunidade de ministério cristão não é um campo de proselitismo das igrejas mas uma estrutura no Estado que pode ser de muita bênção para militares e polícias evangélicos, e não só, no seu próprio local de trabalho.

A formação foi um tempo muito construtivo, espiritualmente muito sólido e desafiante e, pelos testemunhos dos participantes (eram 29 formandos, dos quais 7 eram estrangeiros e residente fora de Portugal), não deixou nenhum deles indiferente quanto à importância da sua presença, disponibilidade, colaboração e à qualidade dos conteúdos ministrados.

Falou-se de: Perspetiva Bíblica da Profissão Militar - Chamada à Capelania - Filosofia do Ministério - Princípios Universais e Papéis dos Capelães - O que, no mundo, é um capelão? - Preparação e sustentação espiritual do capelão - Capelão como elemento do Estado-Maior - Relacionamento entre Capelão e Comandante - Atividades de Apoio do Capelão - Ministério de Aconselhamento - Testemunhos sobre Stress em Incidentes Críticos - Tomada de Decisão Ética - Ética - Ministério Hospitalar - Estudo Bíblico Indutivo - Liderança - Aconselhamento matrimonial - Gestão de Stress Operacional - Excelência Profissional - Consciencialização e Prevenção do Suicídio - Plano do Ministério na Unidade - Trabalhando numa Sociedade Pluralista - Ministério no Serviço Académico. A cerimónia de encerramento foi presidida pelo Presidente da Aliança Evangélica Portuguesa.

Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.